

Coordenadoria
do Curso de Letras



Universidade Federal
de São João del-Rei

LARA VITÓRIA DE OLIVEIRA SILVA

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE AIDS NO DISCURSO JORNALÍSTICO SOB
UM VIÉS SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO**

SÃO JOÃO DEL-REI

2026

LARA VITÓRIA DE OLIVEIRA SILVA

**ENTRE LOCUTORES E LOCUTÁRIOS: a produção de sentidos sobre *Aids* no
discurso jornalístico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Graduação em
Letras da Universidade Federal de São João
del-Rei, como requisito parcial à obtenção do
título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luciani Dalmaschio

SÃO JOÃO DEL-REI

2026

AGRADECIMENTOS

À minha mãezinha, Márcia, que me ensinou a ler e a gostar de livros. Agradeço por ter me criado com carinho, coragem e tanto sentimento. Sempre me encorajando, você me deu autoestima.

À Odete, minha madrinha querida, que me amou e me ama como se ama um filho. Levei sua foto criança comigo para São João del-Rei neste último semestre. Quando olho para aquela menininha, me sinto encorajada.

À Verônica, minha linda irmã, que me deu a alegria. Se posso me considerar uma pessoa boa, é porque tem um pouco de você em mim.

A meu pai, que nesse momento deve estar dirigindo por uma estrada. Obrigada por sempre parar e pensar em mim. Também estou pensando em você.

À minhas amigas de Pará de Minas, minha terra natal, que, mesmo longe, se fazem perto. Em especial, Jade e Luana, que me conhecem há tanto tempo, que me apoiam e que me lembram de quem eu sou.

Agradeço também a João e Isabela, colegas de curso e amigos amados, que especialmente atravessaram rindo e chorando essa jornada acadêmica comigo. Não conseguiria me imaginar terminando esse momento sem vocês.

À Bianca, minha historiadora e mestranda preferida, que saiu de Pará de Minas e entrou nessa universidade junto comigo. Durante nossas metamorfoses, você me acompanhou e eu tive o prazer de te acompanhar também. Obrigada por isso. Quero sempre te aplaudir de longe e de perto.

Agradeço também aos amigos que fiz nessa cidade antes desconhecida, seja pelo *campus*, pela sala ou pelas ruas. Com vocês, eu pude finalmente respirar. A sorte do acaso de nos encontrarmos me encanta.

À minha excelente orientadora, professora Luciani Dalmaschio. Agradeço por todos os ensinamentos, por toda dedicação e paciência de sanar minhas intermináveis dúvidas e por todo compromisso em realizar este trabalho. Te admiro e espero que possamos trabalhar juntas novamente.

Ao professor Toninho, Antônio Luiz Assunção (*in memoriam*). Agradeço por ter me introduzido a esse universo da Linguística. “Estamos todos reunidos em torno da fogueira do seu nome”, professor.

Aos demais professores do curso de Letras da Universidade Federal de São João del-Rei. Cada um de vocês também ressoa neste trabalho.

A outras pessoas que também passaram pelo meu caminho: parentes, amigos, professores, colegas da vida. Não acredito que existamos individualmente no mundo. Cada pessoa que passa, deixa um pouco de si no outro. Agradeço pela torcida silenciosa que destinaram a mim.

Agradeço, por fim, a Universidade Federal de São João del-Rei, lugar que escolhi estudar, mas que nunca imaginei que me transformaria desse modo tão particular.

RESUMO

O presente trabalho parte do interesse de compreender a representação da *Aids* na mídia, especialmente no campo jornalístico. Diante disso, objetivou-se analisar os sentidos produzidos por enunciações que mobilizem o nome *Aids*. Para tal, a pesquisa se fundamenta nos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação, teoria que busca compreender a significação na linguagem. Nesse sentido, os aspectos simbólicos e materiais da pesquisa se ancoraram nos trabalhos de Guimarães (2005; 2018) e Dias (2018; 2023), além das análises propostas por Dalmaschio (2026). Para trabalhar os estigmas entorno da *Aids*, utilizamos Parker e Aggleton (2021). Já para os procedimentos metodológicos, Guimarães (2023) e Dias (2023), cujos pressupostos nos permitiram recolher e sondar enunciados produzidos pela revista Manchete e o jornal O Estado de S. Paulo, principais fontes para análise. A pesquisa indica que os sentidos de *Aids* reatualizaram estigmas em torno de grupos homossexuais, indicados pela mídia como responsáveis e culpabilizados pelo surgimento e disseminação do vírus e consequentemente da doença. Com novas descobertas do campo científico, a formação nominal analisada se deslocou ao longo do tempo, se articulando de modo diverso com outras formações e reatualizando os sentidos em torno da síndrome. Por fim, os lugares sociais e de dizer que tratam da *Aids* também indicam uma tensão na constituição dos sentidos, o que reverbera nas noções de verdade e intencionalidade na língua.

Palavras-chave: Semântica Histórica da Enunciação; Semântica do Acontecimento; *Aids*; Discurso Jornalístico.

*“E o meu peito se assombra com a prisão da
palavra”.*

(Jaime e Nair)

“A palavra é meu domínio sobre o mundo”.

(Clarice Lispector)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Doença dos homossexuais.....	26
Figura 2 – A misteriosa doença dos homossexuais	28
Figura 3 - A pior e mais terrível doença do século/peste-gay	29
Figura 4 – AIDS/câncer gay	31
Figura 5 - A Aids venceu Rock Hudson.....	32
Figura 6 – O vírus misterioso que assusta os EUA	33
Figura 7 - A Humanidade luta contra os vírus	33
Figura 8 - Teste de drogas anti-Aids divide cientistas	35
Figura 9 – AZT reduz transmissão da Aids de mãe para filho	35
Figura 10 – Teste de Aids é exigido para carreira militar	36
Figura 11 - Cresce procura pelos remédios gratuitos da aids.....	36
Figura 12 - Trecho de uma enunciação médica.....	42
Figura 13 – Criança com Aids.....	44
Figura 14 - Aids: causas e prevenção	45
Figura 15 - Preconceito atrapalha na luta contra a doença	47

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
2	SEMÂNTICA HISTÓRICA DA ENUNCIÇÃO.....	10
2.1	Aspectos simbólicos.....	11
2.1.1	Espaço de Enunciação.....	11
2.1.1.1	O político no espaço de enunciação.....	12
2.1.1.2	A cena enunciativa.....	14
2.1.2	Domínios de mobilização.....	15
2.1.2.1	Referencial Histórico.....	16
2.1.2.2	Pertinência Enunciativa.....	16
2.2	Aspectos materiais.....	17
2.2.1	A forma linguística.....	17
2.2.1.1	A formação nominal.....	18
2.2.1.2	O Enunciado.....	19
3	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AIDS.....	21
3.1	<i>Aids</i> e <i>HIV</i>: formas de contágio e prevenção.....	21
3.2	<i>Aids</i>: estigma e relações de poder.....	22
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
4.1	Sondagem.....	23
4.2	Redes enunciativas.....	24
5	ANÁLISE.....	26
5.1	<i>Aids</i> ao longo do tempo: mobilizações de sentido e demandas sociais.....	26
5.2	Os lugares sociais e de dizer na constituição de sentidos.....	39
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
7	REFERÊNCIAS.....	54

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A epidemia da *Aids*, doença resultante do vírus da imunodeficiência humana (HIV), marcou o Brasil e o mundo não só pela dificuldade de tratamento, mas também pelo grande estigma gerado em torno da doença, principalmente no que se refere a grupos com expressões dissidentes. Passados mais de 40 anos desde o primeiro caso registrado, a *Aids* foi extremamente catalogada pela mídia, inclusive por diversos jornais e revistas, o que gerou uma série de representações.

Com isso em mente, algumas questões iniciais se mostraram pertinentes para fomentar a construção desse trabalho, dentre elas: como a *Aids* foi representada pela mídia? Os sentidos em torno da síndrome se alteraram significativamente ou se mantiveram? Quais grupos a mídia tradicional representa em seus dizeres? De qual lugar social ela fala? Como a figura do locutor, especificamente o locutor jornalístico, constitui enunciados sobre *Aids*? Acreditamos que o campo da linguagem, especificamente no qual se insere a Semântica Histórica da Enunciação, aparece como fundamental para tentar compreender essas indagações, dado que “o que se diz é incontornavelmente construído na linguagem” (Guimarães, 2005, p. 7).

Este trabalho, nessa perspectiva, tem como objetivo analisar os sentidos produzidos por enunciações que mobilizem o nome *Aids*, a partir de um viés semântico-enunciativo. A fim de investigar essa questão central, se visou mapear enunciações sobre *Aids* em um processo diacrônico de análise, investigar a relação entre as figuras enunciativas na cena enunciativa, isto é, a politopia que se instaura na cena, além de analisar em que medida as alterações de sentido observadas ao longo do tempo constituem novas abordagens sociais sobre a síndrome. No que se refere ao primeiro objetivo, mapear as enunciações diacronicamente, o trabalho não pretende lidar com a diacronia de modo minucioso e extenso, considerando as próprias possibilidades e limitações na produção de uma monografia de conclusão de curso, mas traçar alguns pontos de partida ao longo do tempo para se pensar sobre a síndrome.

Para tal, coletamos inicialmente diversos materiais produzidos por jornais e revistas da mídia tradicional, dos quais se priorizou os acervos da revista Manchete e do jornal O Estado de S. Paulo. Nesses veículos, foram filtrados diversos enunciados que abordassem o nome *Aids* e selecionados aqueles que fossem pertinentes para amparar os objetivos propostos, constituindo, assim, o *corpus* de nossa pesquisa.

Sob essa perspectiva, o trabalho se divide da seguinte forma: em “Semântica Histórica da Enunciação” (2), abordaremos a fundamentação teórica que sustentou os processos da pesquisa realizados, destacando seus principais aspectos; em seguida, “Algumas considerações

sobre *Aids*” (3) esclarece as principais informações da Imunodeficiência Adquirida, além de seus principais estigmas; já em (4), trataremos dos procedimentos metodológicos que guiaram a análise dos enunciados; assim, (5) trata da análise em si; e, por fim, as considerações finais.

2 SEMÂNTICA HISTÓRICA DA ENUNCIÇÃO

Este estudo filia-se à Semântica Histórica da Enunciação, disciplina cuja significação na linguagem constitui seu objeto central de interesse (Guimarães, 2018). Embora os estudos tradicionais incorporem os estudos semânticos aos estudos gramaticais, nossa perspectiva não busca “pensar as palavras por si mesmas, em estado ideal, de dicionário” (Guimarães, 2018, p. 14), mas considerar que o que se diz é construído na e pela linguagem, o que possibilita a inserção do sujeito e a constituição histórica, por exemplo, na produção de sentidos. Desse modo, esse estudo concerne a questões simbólicas, isto é, não ontológicas do funcionamento da linguagem e das línguas (Guimarães, 2005).

No que diz respeito aos aspectos da Semântica Histórica da Enunciação, como já posto, a significação constitui seu objeto central de interesse. A significação é produzida pela enunciação, algo que ocorre quando se diz, que se dá em um acontecimento em uma determinada língua. Denominamos essa ocorrência de acontecimento do dizer (Guimarães, 2018). O acontecimento temporaliza os sentidos no enunciado de maneira particular e não cronológica, o que possibilita refletir sobre o modo no qual são produzidos. Essas unidades se constituem a partir de rememorações de dizeres passados e de expectativas no presente do enunciado (Dias, 2023).

Tendo isso em vista, este capítulo apresenta-se dividido conforme descrição que segue. Em relação aos “aspectos simbólicos” (2.1) da teoria, começaremos discutindo o “espaço de enunciação” (2.1.1), espaço de funcionamento e divisão de línguas e de seus falantes. Em seguida, abordaremos as implicações políticas desse espaço, “o político no espaço de enunciação” (2.1.1.1), visto que sua divisão ocorre de modo desigual. “A cena enunciativa” (2.1.1.2), próximo tópico, aparece enquanto realizações locais e concretas desse espaço. Nela, lida-se com uma categoria metodológica-descritiva que organiza os lugares de dizer durante o acontecimento. Ao fim dos aspectos simbólicos, serão apresentados os “domínios de mobilização” (2.1.2) do passado e da atualidade para o funcionamento da língua: o “referencial histórico” (2.1.2.1) e a “pertinência enunciativa” (2.1.2.2).

A seguir, em relação aos “aspectos materiais” (2.2), abordaremos: “a forma linguística” (2.2.1), entendida como resultado de tensão entre a materialidade e as forças históricas e enunciativas; “a formação nominal” (2.2.1.1), um dos possíveis modos de constituição da forma, que se dá a partir de diferentes articulações; e, por fim, “o enunciado” (2.2.1.2), que compreende a realização das formas nominais de maneira mais ampla.

2.1 Aspectos simbólicos

Conforme mencionado, o espaço de enunciação, o político no espaço de enunciação, a cena enunciativa e os domínios de mobilização constituem fundamentos importantes para a teoria que ancora nossas discussões. Os aspectos simbólicos da Semântica da Enunciação de bases históricas dizem respeito a princípios conceituais necessários para sustentar e a análise que empreendemos sobre o funcionamento da linguagem e, conseqüentemente, a constituição desta pesquisa. As categorias apresentadas funcionam de maneira vinculada e interdependentes entre si.

2.1.1 Espaço de Enunciação

Como já levantado, a Semântica da Enunciação se ocupa em estudar a significação, considerada enquanto sentido e produzida pela enunciação em determinada língua. Para Guimarães (2018), o funcionamento da língua ocorre em um espaço de enunciação estabelecido por meio de cenas. Assim, a significação, o sentido, produzida por uma determinada língua, passa necessariamente pela compreensão dos espaços de enunciação, aspecto simbólico essencial da Semântica do Acontecimento.

Nesse sentido, os espaços de enunciação são espaços de relações entre línguas e falantes. Justamente por isso, não têm caráter estanque e único. De acordo com Guimarães:

Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento [...] (Guimarães, 2005, p.18).

O excerto do autor assinala o aspecto múltiplo e mutável dos espaços de enunciação, uma vez que estes se configuram a partir de práticas linguísticas de falantes que enunciam a partir de posições distintas, o que aponta para o caráter inerentemente político desses espaços. A língua, nesse sentido, é dividida entre os falantes de modo a demarcar uma hierarquia de identidades (Guimarães, 2005).

Para melhor delimitar esse espaço, a relação entre a língua, o falante e o político se fazem pungentes, já que não se dissociam. Esses três aspectos são dependentes entre si, visto que para delimitar um é necessário considerar o outro. Entretanto, suas definições se fazem necessárias a título de uma compreensão teórica e epistemológica da teoria.

Enquanto “conjunto sistemático de regularidades com as quais é possível dizer algo verbalmente” (Guimarães, 2018, p. 24), a definição de língua assumida por Guimarães nos permite romper com perspectivas puramente estruturais ao introduzir nela um sistema flexível, por meio da noção de “regularidade”. A língua, encarada enquanto regular, constitui-se por elementos linguísticos que, ao se organizarem de modo particular, permitem dizer algo. Isso aponta para um caráter estável, mas não inexorável. Os deslocamentos, portanto, são possíveis porque a língua situa-se como adaptável em um espaço que se transforma em sua relação com os falantes. Ao agenciar os falantes, os tomarem enquanto seus, as línguas encontram dinâmica de funcionamento.

No que se refere ao falante, figura central na composição do espaço de enunciação em sua relação com a língua, Guimarães (2018) adverte não se tratar de um sujeito psicofisiológico, mas de um ser de linguagem que é constituído, tomado, pela língua que fala: “É uma figura linguística constituída por essa relação de línguas, que tomam os falantes, que se distribuem desigualmente para os falantes ao constituí-los.” (Guimarães, 2018, p. 25) A proposição do autor situa o falante em uma relação com o dizer distinta a de um indivíduo determinado por vontade ou por pura constituição orgânica. Nessa abordagem, o falante é uma categoria linguístico-enunciativa, é uma figura política constituída por um espaço de enunciação (Guimarães, 2005). Se o falante fala, ele fala a partir da sua relação de agenciamento com as línguas, em um jogo estabelecido por um espaço de enunciação configurado. Nesse espaço, as línguas, além de formarem os falantes, os constituem de modo desigual, o que implica afirmar que há um aspecto específico e próprio do dizer: ele é político.

2.1.1.1 O político no espaço de enunciação

Influenciado pela abordagem de Ranciere na filosofia, Guimarães (2005) ressalta o caráter contraditório do político ao defini-lo: “O político, ou a política, é para mim caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação do pertencimento dos que não estão incluídos” (Guimarães, 2005, p. 16). Em outras palavras, a contradição do político se manifesta, de um lado, pela imposição de uma estrutura hierárquica historicamente determinada e, de outro, pela manifestação daqueles que não são contemplados nessa hierarquia. O político, nesse sentido, é inerentemente conflito, já que a ação homogeneizadora das instituições busca suprimir a contradição enquanto os não-incluídos buscam redividir o real para pertencer a ele.

Conforme indicado, as línguas funcionam em espaços de enunciação constituídos por relações entre línguas e falantes. Esses espaços estão em constante mudança devido a disputas entre os falantes e seus direitos de dizer. Sob essa ótica, o espaço de enunciação é visto como um espaço político, já que a língua é dividida: “ela é normativamente dividida e é também condição para se afirmar o pertencimento dos não incluídos, a igualdade dos desigualmente divididos.” (Guimarães, 2005, p. 18) Nesse sentido, o político também é próprio da linguagem, que se divide e se redivide no espaço de enunciação, atendendo as disputas pela palavra de grupos que ocupam lugares historicamente distintos.

Embora no espaço de enunciação de língua portuguesa haja uma normatividade que intime o português como uno, o português gramatizado, normatizado, instituído pelo Estado, falar português no Brasil implica falar uma língua que são várias porque há diferenças no mesmo espaço enunciativo (Guimarães, 2005). Nele, há uma disputa que delimita e divide as possibilidades do dizer entre os falantes. Ao falar sobre as divisões que caracterizam o espaço de enunciação em português no Brasil, o autor afirma que a noção de divisão na língua não deve ser tomada como a de variação na sociolinguística quantitativa:

Para mim uma língua é dividida, de tal modo, que ela é diferente disso. E esta divisão diz respeito exatamente à relação dos falantes com a língua, de tal modo que os falantes se identificam exatamente por essa divisão. [...] E esta divisão é marcada por uma hierarquia de identidades. Ou seja, esta divisão distribui desigualmente os falantes segundo os valores próprios desta hierarquia.[...] E estar identificado pela divisão da língua é estar destinado, por uma deontologia global da língua, a poder dizer certas coisas e não outras, a poder falar de certos lugares de locutor e não de outros, a ter certos interlocutores e não outros (Guimarães, 2005, p. 21).

Ainda que haja uma só língua, caso deste trabalho que busca analisar os sentidos produzidos por enunciações em língua portuguesa que mobilizem o nome *Aids*, o espaço de enunciação é múltiplo porque se configura por meio de falantes distintos. Em situações na qual falantes de língua portuguesa mobilizem o nome *Aids*, como a língua se divide? Quem pode falar o quê? De qual lugar se fala? Ou melhor, quem pode falar do lugar da normatividade? E para quem essa normatividade fala? Embora diferentes grupos sociais falem a mesma língua, há uma relação de força que os faz dizer de lugares distintos, já que são delimitados por condições históricas distintas e agenciados a dizer o português desses lugares. A compreensão do funcionamento do espaço de enunciação pode permitir, nesse sentido, compreender como os sentidos entorno da *Aids* se estabeleceram, como eles foram mobilizados por diferente falantes, além de situar a enunciação não como algo individual e subjetivo, mas como uma prática social e política (Guimarães, 2005).

Em suma, o espaço de enunciação não é visto como físico, mas lugar de relação entre línguas e falantes, falantes e falantes, falantes e línguas (Guimarães, 2018), lugar de

compreensão da divisão das línguas, que ocorre de modo díspar, desigual, implicando o político. Esse aspecto simbólico da teoria rompe com perspectivas tradicionais e permite compreender o mundo por uma relação que necessariamente passa pela linguagem.

Vale ressaltar que, para Guimarães (2005), o espaço de enunciação é organizado em cenas enunciativas (apresentadas adiante), sendo suas especificações locais, suas manifestações concretas, o que faz das cenas categoria metodológica-descritiva fundamental para o trabalho aqui apresentado.

2.1.1.2 A cena enunciativa

Em “Semântica do acontecimento” (2005), Guimarães explica que o momento de assunção da palavra, ou seja, o funcionamento da linguagem em concretude, se dá na cena enunciativa. Enquanto uma categoria metodológica-descritiva da teoria, a cena permite ordenar e sistematizar os lugares sociais de enunciação, a partir da divisão de diferentes unidades de análise. De acordo com o autor:

A Cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. [...] São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas dona do dizer (Guimarães, 2005, p. 23).

Dessa forma, o falante, ao ser agenciado no acontecimento enunciativo, é dividido em diferentes lugares, conforme as posições sociais e enunciativas que ocupa.

Assim, a configuração da cena ocorre a partir de algumas figuras. Como o espaço de enunciação é composto pelas cenas enunciativas, o falante não faz parte da cena, sendo um ser de linguagem presente no espaço. Na configuração cênica, o locutor (L) é a primeira figura, sendo aquele que diz: “o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer” (Guimarães, 2005, p. 23). Ao realizar a locução, o locutor refere-se sempre ao seu correlatado, o locutário (LT). Em suma, o falante seria esse ser de linguagem que domina determinada língua, enquanto o locutor seria aquele que assume a língua, que entra em contato com a sistematicidade. Ao dizer, o falante é constituído em locutor (Guimarães, 2018).

No entanto, embora assuma a palavra, o locutor não é a origem de seu dizer. O dizer perpassa por lugares sociais já estabelecidos. Por isso, ao ser agenciado, o falante se divide na cena enunciativa, surgindo, além do locutor, a figura do alocutor: “é aquele que diz de um certo lugar social” (Guimarães, 2018, p. 56). Enquanto a locução é estável, feita por uma pessoa, a

alocução é variável, flutua a depender dos papéis sociais de determinada cena. Por essas razões, o alocutor é sempre um alocutor-x. Um alocutor-jornalista, por exemplo, aquele que fala a partir dessa posição. Assim como em (L), o alocutário é aquele para quem o alocutor diz, seu correlatado. Essa figura também se altera ao ser especificada pela cena, tratando-se também de um alocutário-x. Embora o locutor apareça como responsável pelo seu dizer, já que é este quem fala, o lugar social que ele ocupa (alocutor) confronta essa intencionalidade.

Por fim, dentro da própria alocução, várias posições podem ser assumidas. Há lugares de dizer que se manifestam para o locutor como fora dos lugares sociais, como independentes da história, embora não estejam. “É a representação de um lugar como aquele que está acima de todos, como aquele que se retira o dizer da circunstancialidade. E ao fazer isso representa a linguagem como independente da história” (Guimarães, 2005, p. 25). Esses lugares de dizer estão presentes na figura dos enunciadores e se apresentam sob diferentes perspectivas: individual, genérico, coletivo e universal. O enunciador-individual se dá quando o dizer parece fora da história a partir da representação de individualidade. Já o enunciador-genérico ocorre quando a figura do locutor manifesta-se a partir de saberes partilhados, como os provérbios e ditados populares, por exemplo. Nele, o dizer está fora da circunstancialidade justamente devido a sua diluição fronteiriça. O enunciador-universal trata-se de um lugar que se submete às condições de verdadeiro ou falso, sendo tratado como fato. E o enunciador-coletivo refere-se a um lugar que apoia-se nas identidades institucionais, sendo uma instância de legitimação. Ao ser um modo de se apresentar na relação com o que se diz, na alocução, o enunciador não projeta um tu e, por isso, não possui correlatado (Guimarães, 2018).

Na cena enunciativa, o falante é agenciado e dividido por uma politopia, já que fala de lugares inerentemente diferentes (Guimarães, 2018). Enuncia-se a partir daquele que diz (locutor), do lugar social de dizer (alocutor) e do lugar de dizer (enunciador). Assim, a politopia trata da divisão própria do falante ao ser agenciado durante o acontecimento do dizer, organizado em cenas enunciativas, na qual há uma relação simultânea e dinâmica entre diferentes vozes. Essa configuração rompe com a noção de intencionalidade daquele que fala ao demonstrar o conflito de origem na constituição de sentido entre diferentes vozes.

2.1.2 Domínios de mobilização

Considerando que o espaço de enunciação é constituído por relações entre línguas e falantes, atravessadas pelo político e materializadas em cenas enunciativas, é possível avançar na análise observando como os sentidos circulam nessas condições. Nesse ponto, a noção de

domínios de mobilização permite compreender de que modo certos dizeres se organizam e se reiteram em diferentes enunciações. Se a cena enunciativa delimita os lugares de dizer (locutor, alocutor e enunciador), os domínios de mobilização indicam em que redes de sentido esses dizeres se inscrevem. Neste texto, conforme Dias (2018), consideraremos dois importantes fundamentos constituidores desses domínios: o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

2.1.2.1 Referencial histórico

O referencial histórico é um conceito que sustenta a significação ao tratar da “compreensão do modo como os memoráveis se integram na produção do enunciado” (Dias, 2023, p. 157). O espaço de constituição do acontecimento enunciativo ocorre a partir de uma temporalidade própria, vista não como cronológica, mas como integrada. Nessa perspectiva, os dizeres evocam outros dizeres, seja por meio de rememorações de enunciações passadas, seja por meio de prospecções que apontam para o futuro. O referencial histórico aparece como modo de ordenar as filiações de unidades significativas a temáticas e perspectivas sócio-históricas preexistentes ao uso atual (Dias, 2023). Não há enunciado que signifique por si mesmo porque, para significar, o enunciado se ancora em outras enunciações já realizadas, seja para reafirmá-las ou contestá-las.

2.1.2.2 Pertinência enunciativa

Enquanto o conceito de referencial histórico demonstra que as formas significam a partir de sentidos historicamente estabelecidos, isto é, preexistentes, o conceito de pertinência enunciativa diz respeito a atualidade do dizer. Os enunciados são produzidos a partir de uma relação de inclinações ao que deve ser dito no presente, podendo ser capazes de ganhar aderência ou não. Como aponta Dias (2023), a pertinência enunciativa aborda “a constituição das condições de adesão do enunciado a um ordenamento textual capaz de atender expectativas, produzir direções e fornecer interpretabilidade ao que se diz e ao que se escreve” (Dias, 2023, p. 159).

Desse modo, há uma estreita relação entre pertinência enunciativa e referencial histórico expressa em uma tensão capaz de estabelecer os domínios das formas linguísticas: “as articulações do ‘já significado’, social e historicamente configurado, e do ‘a significar’, de uma

atualidade, determinam as formas expressivas na constituição de unidades linguísticas, bem como suas articulações, na órbita da formulação enunciado” (Dias, 2023, p. 161).

Dessa forma, os domínios de mobilização se configuram justamente nesse entrelaçamento entre o já significado e o a significar, evidenciando que as formas linguísticas não operam de modo isolado, mas se constituem na tensão entre memória e atualidade. Assim, ao mobilizar determinados dizeres, o falante inscreve-se em domínios que articulam historicidade e pertinência, permitindo compreender como a significação se produz e circula em sua dimensão social e política.

2.2 Aspectos materiais

Após apresentar os aspectos simbólicos, faz-se necessário revelar os aspectos materiais propostos para essa pesquisa, sendo respectivamente: a forma linguística e seus modos específicos de constituição, que serão abordados por nós, nesta pesquisa: a formação nominal e o enunciado. Nesses aspectos, diferentemente dos simbólicos, as categorias referem-se especificamente ao material linguístico.

2.2.1 A *forma linguística*

De acordo com Dias (2018), o conceito de forma linguística, pelo olhar semântico-enunciativo, desloca-se das concepções tradicionais estabelecidas pelos estudos linguísticos a partir do século XIX. Neles, *forma* é definida a partir de noções estruturais de língua, opondo-se a *significado* ou *função* e é apreendida por traços morfológicos, por exemplo. Sob essa ótica, o conceito de sintagma deriva dessa noção tradicional de forma em uma relação de sucessividade.

Como já dito, o conceito de forma linguística, e consequentemente o de língua, são muito distintos da concepção tradicional para uma semântica enunciativa de bases históricas. Esse aspecto já pode ser notado em Guimarães (2018) que a define “língua” como “conjunto sistêmico de regularidades”, isto é, um grupo internamente organizado, mas flexível a mudanças. Nessa elaboração, o autor permite superar a concepção de língua como sistema autônomo e autorregulado, possibilitando conceber a forma linguística como estimulada pelos

domínios de mobilização, composto pelos referenciais históricos e pelas pertinências enunciativas.

Assim, no trato das formas linguísticas, Dias (2018) aponta para influências tanto do campo sintático e linear (plano da organicidade), quanto do campo do dizível, das situações enunciativas (plano do enunciável), configurando, nessa concepção, forma linguística enquanto fato linguístico:

o fato linguístico é definido por uma tensão entre uma estabilidade da unidade formal, marcada na linearidade, isto é, pontuada na horizontalidade da ordenação do arranjo sintático, de um lado, e a verticalidade própria de um domínio de forças a ser representado (domínio de mobilidade), de outro (Dias, 2018, p. 38).

Dessa perspectiva, a forma linguística deixa de ser concebida como uma unidade estável e autônoma, passando a ser entendida como resultado da tensão entre sua materialidade linear e as forças históricas e enunciativas que a atravessam. Constituindo-se nesse entrecruzamento entre o plano da organicidade e o do enunciável, a forma revela-se como um lugar privilegiado de observação da significação em funcionamento. É nesse quadro que se torna possível avançar para a análise de modos específicos de constituição das formas, particularmente no que se refere à “formação nominal” (FN), cuja compreensão permite aprofundar a análise de como os sentidos se organizam e se circulam socialmente.

2.2.1.1 A formação nominal

No que diz respeito à nominalidade em uma abordagem semântico-enunciativa, esse estudo não pretende recorrer, como postula Dias (2018), à localização e à organização funcional de elementos dentro do enunciado, como a localização do tema/rema, por exemplo, mas abordar a nominalidade por meio de uma relação com outro plano, o da enunciação. Estudar nominalidade é “buscar explicar a constituição das unidades nominais na sua estabilização como unidade de sentido na língua, constituindo-se como uma unidade potencial temática [...]” (Dias, 2018, p. 117). O potencial temático dos nomes se configura na medida em que eles asseguram a tematização da ocorrência dos dizeres, enquanto unidade linguística.

Com isso mente, a unidade nominal é concebida por meio de quatro dimensões (Dias, 2018): as *articulações predicativas*, que se vinculam a relação entre uma formação nominal e um predicado; as *articulações intranominais*, que concernem agregação de duas unidades em uma ou agregação de formantes para criação de outras unidades; as *articulação internominais*,

que são relativas as relações de unidades para formação de grupos nominais; e por fim as *articulações subnominais*, que referem-se a articulação de enunciados que constituem um nome.

Essas dimensões são essenciais para compor o conceito de formação nominal, terminologia que busca destacar uma percepção sobre nominalidade que seja dinâmica. Formação nominal, desse modo, indica uma unidade nominal considerada a partir do processo de constituição dos nomes do ponto de vista da enunciação, tendo em vista as dimensões apresentadas (Dias, 2018).

Sem nos atermos a todas as articulações, tomemos como exemplo as articulações subnominais. Essas articulações podem nos oferecer alguns dos contornos para compreender melhor o conceito de formação nominal, uma vez que o termo *formação* resulta dela (Dias, 2018). Elas tratam da ocorrência de enunciados que constituem um nome, ou seja, partem da ideia de que os nomes “carregam” outros enunciados dentro de si e se formam a partir desses enunciados. Os nomes apresentam um caráter encapsulador, o que os difere da noção clássica de substantivo. Tendo isso em vista, faz-se pertinente indagar: quais os possíveis enunciados que orientam a formação da unidade nominal *Aids*? Essa formação nominal se renovou ao longo do tempo? Se sim, como?

Para compreender mais detidamente o funcionamento das formações nominais, é necessário, em alguma medida, situá-las em uma unidade de análise mais ampla, que não se reduz à constituição interna dos nomes, mas abarca o acontecimento do dizer em um escopo maior: o enunciado.

2.2.1.2 O enunciado

Trata-se da unidade de análise do semanticista, sendo mais ampla que a unidade anterior, a formação nominal, e que se realiza na unidade do texto. Enquanto *significação* trata-se do objeto da Semântica enquanto conceito geral, é no enunciado que abordamos o *sentido* (Guimarães, 2018). Há dois aspectos importantes para caracterizar o enunciado: a consistência interna e a independência relativa (Guimarães, 2018). Esses dois aspectos estão associados entre si, visto que um enunciado não deve ser considerado fora de um texto, mas compreendido com uma certa autonomia de sentido.

A consistência interna, deste modo, surge no enunciado quando seu sentido aparece, até certo ponto, como autônomo. Em outras palavras, embora o enunciado pertença a uma unidade

de sentido maior, há uma coerência de sentido em seu interior que permite que ele seja capaz de significar. No entanto, o enunciado não significa fora do acontecimento (Guimarães, 2018) e, por isso, ele só significa porque está em uma relação com outros enunciados. Trata-se, portanto, de uma relação de consistência interna com independência relativa.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AIDS

Esta seção procurou abordar brevemente algumas informações acerca da *Aids* e do *HIV*, seu vírus causador, esclarecendo as principais formas de transmissão, os principais sintomas, além de como ocorre o tratamento em “*Aids e HIV: formas de contágio e prevenção*” (3.1). Em seguida, “*Aids: estigma e relações de poder*” (3.2) aborda como surgiram e quais são alguns dos principais estigmas em torno da condição.

3.1 *Aids e HIV: formas de contágio e prevenção*

De acordo com o Ministério da Saúde¹, a *Aids* (Síndrome da imunodeficiência adquirida) é uma condição causada pelo vírus *HIV* (vírus da imunodeficiência humana) em estágio mais avançado, pela qual o sistema imunológico encontra-se extremamente comprometido e vulnerável à contração de infecções oportunistas e tumores. Nesse sentido, *HIV* e *Aids* não são a mesma coisa. Enquanto *HIV* refere-se ao vírus em si, retrovírus da subfamília dos *Lentiviridae*, que ataca os glóbulos brancos (linfócitos TCD4+) que defendem o corpo, *Aids* refere-se ao conjunto de sinais e sintomas que caracterizam a falência das defesas imunológicas. Assim, uma pessoa pode viver com *HIV* sem apresentar sintomas e não desenvolver *Aids*.

No que diz respeito às formas de transmissão, o vírus pode ser contraído principalmente por meio de relações sexuais sem preservativo; transmissão vertical da mãe para o bebê durante gestação, parto ou amamentação; compartilhamento de seringas e agulhas contaminadas e transfusão de sangue contaminado ou transplante de órgãos. O compartilhamento de lugares públicos como banheiro, assento de ônibus e piscina; o uso comum de talheres, copos, toalhas, sabonetes; além do contato físico por meio de beijo, aperto de mão ou abraço, por exemplo, não transmitem o vírus, visto que saliva, suor, urina não são fluidos corporais de risco.

Diferentemente do período de surgimento do vírus, identificado na década de 80, a prevenção contra o *HIV* evoluiu muito nos últimos anos, sendo possível realizar uma prevenção combinada que envolve diferentes estratégias, como unir o uso de preservativos, testagem regular, PrEP (Profilaxia pré-exposição) e PEP (Profilaxia pós-exposição), além de abordagens educativas e contra preconceitos.

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-hiv>. Acesso em: 30 abr. 2026.

Não existe cura definitiva para o *HIV*, e consequentemente para a *Aids*, até o momento. No entanto, existem medicamentos antirretrovirais (ARV), para impedir a multiplicação do vírus no organismo, evitando o enfraquecimento do sistema imunológico. Com o tratamento adequado, uma pessoa pode viver com o *HIV* de maneira saudável sem desenvolver *Aids*, tornando a carga do vírus indetectável.

3.2 *Aids*: estigma e relações de poder

Em “Estigma, discriminação e *Aids*” (2021), revista criada pela Associação Brasileira Interdisciplinar de *Aids*, os autores Parker e Aggleton apontam que a criação de estigmas em torno do *HIV* e da *Aids* precede a transmissão e surgimento da doença, um vez que alguns dos grupos atingidos por tal comorbidade já eram alvo de estigma, ruminando em uma série de preconceitos já existentes que se reatualizaram. Isso ocorre porque o estigma e a estigmatização não surgem deslocadas da sociedade, em vácuo social, mas em contextos específicos de cultura e poder. “Ele [o estigma] tem sempre uma história, que tem influência sobre quando ele aparece e sobre a forma que ele assume” (Parker; Aggleton, 2021, p. 31).

Tomemos o estigma sexual em torno da doença como exemplo. Segundo os autores, as populações cujas práticas sexuais e/ou identidades sexuais estavam fora dos padrões hegemônicos estabelecidos foram alvo dos primeiros preconceitos justamente porque já existiam “mecanismos sociais pelos quais a estigmatização e discriminação sexual funcionavam anteriormente, e independentemente, à *Aids*” (Parker; Aggleton, 2021, p. 48). Houve, nesse sentido, uma associação à homossexualidade e, posteriormente, à prostituição, à “promiscuidade” ou a qualquer comportamento construído como “desvio sexual”. Assim, constituiu-se um campo complexo no qual o estigma sexual e o estigma frente à doença imbricaram-se a ponto de serem de difícil distinção (Parker; Aggleton, 2021).

Além do estigma sexual, os autores percebem outros estigmas também associadas ao *HIV* e a *Aids*, como o estigma em relação ao gênero, estigma em relação à raça ou etnia e o estigma em relação à pobreza ou à marginalização econômica (Parker; Aggleton, 2021). Faz-se relevante notar que todos grupos citados acima são grupos não hegemônicos, isto é, grupos que não são reconhecidos plenamente nas dinâmicas de poder dominante, o que permite perceber como a percepção em torno do *HIV*, e principalmente da *Aids*, relaciona-se com as dinâmicas sociais de uma época.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, primeiro, foram levantados possíveis materiais para a constituição do *corpus*, sendo priorizadas revistas e jornais da mídia tradicional que abordassem a doença. Dentre os materiais recolhidos, foram priorizados dois instrumentos: a revista Manchete e o jornal O Estado de S. Paulo.

Lançada em abril de 1952, pela Bloch Editores, a revista brasileira de informação Manchete² circulou semanalmente no Brasil até os anos 2000, período no qual entrou em falência e deixou de ser publicada por sua editora original. Com o *slogan*: “Aconteceu, virou manchete”, a revista teve uma presença central no mercado editorial durante grande parte do século passado com publicações semanais. O fotojornalismo era um dos aspectos de destaque do periódico, que abordava temas como cultura, política e esporte, possuindo uma grande influência das revistas e jornais internacionais. A revista voltou a circular em 2025 sob nova direção.

O Estado de S. Paulo³, também conhecido como “Estadão”, surgiu em 1875 na cidade de São Paulo, com o nome “A província de São Paulo”, durante o período monárquico do Brasil. Em 1982, após a proclamação da república, o título passou a ser grafado como o atual. Ao lado de outras linhas editoriais, o jornal é um dos maiores e mais tradicionais veículos de informação do país com periodicidade diária. Criado por republicanos, o jornal afirma ter, entre seus compromissos, a defesa do espírito republicano e seus ideais de liberdade.

Os procedimentos para análise consistiram nos métodos de sondagem e de redes enunciativas, que auxiliaram o processo de elaboração do *corpus*. Ao passo que a sondagem diz respeito a um procedimento de escolha de material, as redes enunciativas referem-se aos modos de estruturação segundo uma regularidade para com o material para análise.

4.2 Sondagem

O procedimento de sondagem refere-se a uma prática de análise importante para a constituição de material para a pesquisa. O *corpus* a ser trabalhado deve ser selecionado

² Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dos-anos-50-aos-2000-revista-manchete-imprimiu-sua-marca-ao-jornalismo-21204604>. Acesso em: 29 abr. 2025.

³ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/conheca-a-historia-da-fundacao-do-estadao/?srsltid=AfmBOoQrvxCi29cu0EXEeyFeQtkEXs2AIFrydWk2cimD4EuHSJiUu77>. Acesso em: 10 maio 2026.

segundo a relevância para os objetivos da análise (Guimarães, 2018, 2023). Um *corpus* puramente laboratorial não corresponde aos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação, pois a teoria tem como ponto central justamente a produção e o funcionamento dos sentidos em um acontecimento de enunciação.

Para a realização do procedimento de sondagem, a escolha deliberada do material deve ocorrer a partir de recortes. O conceito de recorte refere-se a “um fragmento do acontecimento de enunciação” (Guimarães, 2018, p. 76), em outras palavras, um corte linguístico retirado de uma situação de língua integrada, embora com certa independência, em um texto específico. Não se refere a um simples segmento do texto: “o recorte coloca, no próprio procedimento de análise, o exterior constitutivo do elemento linguístico” (p. 76). Assim, o procedimento de sondagem ocorre a partir de recortes de acontecimentos de enunciação no qual são privilegiadas as unidades que podem orientar as questões da pesquisa.

4.3 Redes enunciativas

Ao abordar as redes enunciativas, Dias (2023) ressalta a importância de estruturar os dados segundo uma regularidade bem definida para a consistência da análise. As redes, nesse sentido, buscam estruturar o *corpus* analisado e demonstrar as possibilidades de integração do/no enunciado por meio das articulações nominais, evidenciando o modo como esses enunciados se formulam a partir de referenciais históricos e pertinências enunciativas. (Dias, 2023). As formas linguísticas são mobilizadas pelos dizeres passados e pelas atualidades de dizeres aderentes que significam nessa relação de tensão.

Desse modo, estruturar uma rede enunciativa consiste em demonstrar como os domínios de mobilização (pertinência enunciativa e referencial histórico) se apresentam por meio das articulações que podem constituir o enunciado (Dias, 2023). As articulações possíveis de se integrar ao enunciado consistem em articulação predicativa, articulação internominal, articulação intranominal e articulação subnominal. Essas regularidades articulatórias já foram descritas em seções anteriores (ver tópico “A formação nominal”). Não iremos nos deter novamente em defini-las, mas faz-se interessante destacar que os modos de integração no enunciado são capazes de revelar a extensão dessas articulações para formação de unidades significativas, que vão desde a relação entre um nome e um predicado (articulação predicativa), por exemplo, até a constituição semântica de um nome pela condensação de enunciados

(articulação subnominal). Assim, a rede enunciativa aparece como um artefato metodológico capaz de demonstrar os modos de integração no enunciado (Dias, 2023).

5 ANÁLISE

Para iniciarmos nossa análise, partimos dos objetivos propostos anteriormente, dos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação, além das reflexões acerca da *Aids*. Como plano central, esse trabalho busca analisar os sentidos produzidos por enunciações que mobilizem o nome ‘*Aids*’. Para tal, buscou-se inicialmente mapear enunciações sobre *Aids* ao longo do tempo e analisar em que medida as alterações de sentido observadas constituem novas abordagens sociais em (5.1) “*Aids* ao longo do tempo: mobilizações e demandas sociais”. Em seguida, na seção (5.2) “Os lugares sociais e de dizer na constituição de sentidos”, objetivou-se investigar a relação entre as figuras enunciativas na cena enunciativa.

5.1 *Aids* ao longo do tempo: mobilizações de sentido e demandas sociais

Conforme mencionado nos domínios de mobilização, o acontecimento enunciativo não tem um tempo cronológico, mas integra um passado como memorável, advindo de enunciações anteriores, e uma atualidade, a partir de uma adesão a demanda histórica e social, além de expectativas futuras a essa demanda. Essa integração se materializa no enunciado, sendo esse uma unidade básica de análise e uma parte essencial da enunciação para o analista. Assim, cabe ao semanticista “explicar as articulações que configuram essa incorporação” (Dias, 2023, p. 157) no enunciado, considerando sua consistência interna, mas também sua dependência ao texto (Guimarães, 2018).

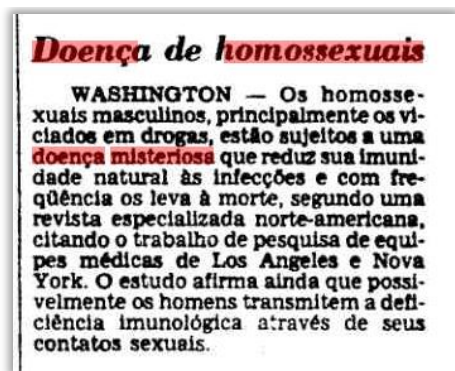
Desse modo, esta seção busca, por método de sondagem, mapear enunciações sobre *Aids* ao longo do tempo, isto é, em um processo diacrônico de análise, além de analisar em que medida as alterações de sentido observadas constituem novas abordagens sociais sobre a doença. Nesse sentido, dois objetivos propostos, primeiro e terceiro, serão contemplados, já que localizar as nominalizações de *Aids* no tempo também consiste em perceber o momento no qual estão inseridas.

Com esse fim, foram selecionados enunciados nos quais se observasse sistematização tanto de semelhanças quanto de diferenças entre os sentidos produzidos nesses enunciados. Os enunciados selecionados foram retirados de recortes de textos, principalmente de títulos e manchetes, dos dois instrumentos analisados. Para sustentar as análises, porém, um recorte do jornal Notícias Populares também foi utilizado.

Para começar, tomemos os exemplos que seguem publicadas no período de surgimento da doença:

(1)

Figura 1- Doença dos homossexuais



Fonte: O Estado de S. Paulo (11 de dez. de 1981, p. 9).

O texto noticioso publicado pelo Estadão refere-se ao período de descoberta da doença nos Estados Unidos, no qual não havia informações precisas sobre seu funcionamento. O termo *Aids* ainda não era empregado por médicos e cientistas e o vírus *HIV* ainda não havia sido identificado. Chama atenção, entretanto, que a ausência de conhecimento científico consolidado não impede a produção de sentidos socialmente estabilizados acerca da enfermidade. No título da notícia, a formação nominal (FN) “doença de homossexuais” produz um efeito de apontamento que vincula diretamente a doença a um grupo social específico, como se este fosse seu portador natural. A construção não apresenta a enfermidade como uma doença que acometeu, naquele momento, determinados indivíduos homossexuais, mas como uma doença pertencente aos homossexuais. Tal formulação contribui para a constituição de uma relação de identificação entre a doença e a identidade sexual dos sujeitos, deslocando a atenção das condições epidemiológicas para a categorização social dos indivíduos afetados.

Do mesmo modo, o recorte que segue (Figura 2), publicado pela revista *Manchete* no ano seguinte, se situa nesse período de desconhecimento em relação à doença.

(2)

Figura 2 – A misteriosa doença dos homossexuais

Fonte: Manchete (E1551, 1982, p. 26-27).

Ainda que houvesse falta de informações no período inicial, resultado da dificuldade em identificar o vírus *HIV*, a grande mídia relacionou de forma direta a doença principalmente a grupos homossexuais ao perceber que as autoridades de saúde notaram agrupamento de casos de “doenças oportunistas” em jovens gays. Na reportagem da revista *Manchete*, essa associação é reforçada pela FN “a misteriosa doença dos homossexuais”. O convergente “misteriosa” produz um efeito de desconhecimento e de ameaça, ao mesmo tempo em que a expressão “dos homossexuais” funciona como elemento de especificação do grupo ao qual o fenômeno é atribuído. O resultado é a construção enunciativa de uma doença desconhecida e socialmente localizada. Além disso, a fotografia que acompanha a matéria apresenta sujeitos identificados visualmente com expressões de gênero dissidentes, contribuindo para a produção de sentidos que vinculam a doença a determinados corpos e modos de existência.

Outros jornais também relataram os casos de surgimento associando-os a esse grupo, como na Figura 3, relativa ao surgimento dos primeiros casos no Brasil:

(3)

Figura 3 - A pior e mais terrível doença do século/peste-gay

Fonte: Notícias Populares (1983, s/p, reproduzido por Fundação Oswaldo Cruz).

No caso da manchete do *Notícias Populares*, observa-se um deslocamento importante em relação aos exemplos anteriores. Se nos textos de 1981 e 1982 a associação entre doença e homossexualidade já estava presente, em 1983 ela aparece condensada na FN “peste-gay”, que funciona como uma formação nominal altamente estigmatizante. A palavra “peste” recupera, por memória enunciativa, acontecimentos históricos marcados por morte em massa, contágio e calamidade social, evocando sentidos ligados à peste bubônica e a outras epidemias devastadoras. Ao ser articulada ao termo “gay”, produz-se um efeito de sentido segundo o qual o próprio grupo social passa a figurar como origem e símbolo da ameaça.

Além disso, a formulação “já apavora São Paulo” intensifica o efeito de pânico coletivo, deslocando a questão do campo médico para o campo do medo social. Com efeito, não é apenas a enfermidade que é significada como perigosa; os próprios sujeitos homossexuais passam a ser inscritos discursivamente em um lugar de suspeita, risco e ameaça à ordem social.

Como vimos, embora a formação *Aids* não tenha referência a certo tipo de comportamento sexual em sua sigla, já que se refere à *Síndrome da Imunodeficiência Adquirida*, a história de constituição dos nomes passa por um caráter que também é enunciativo. Dito de outro modo, há dizeres que reverberam a significação do nome *aids* antes mesmo de sua condensação e até mesmo quando sua sigla não faz referência explícita a esses dizeres. Conforme Dias (2018) afirma, os nomes são condensações de enunciados que se estabilizam e resultam de pertinências enunciativas. Assim, tomemos a rede enunciativa a seguir, a partir das articulações subnominais que envolvem a constituição semântica do nome *Aids*, conforme os exemplos que analisamos:

Rede Enunciativa 1 - As articulações subnominais e a constituição do nome *Aids*

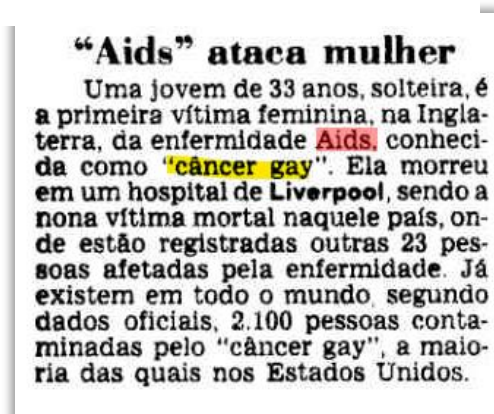
Enunciados descritivos	(1) Doença de homossexuais
	(2) A misteriosa doença dos homossexuais
	(3) Pior e mais terrível doença do século
	(3a) Peste-gay
Condensação	↓
Unidade nominal	<i>Aids</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

Há, obviamente, outras enunciações que condensam esse nome, como as produções da área da saúde, por exemplo, que ocupam um lugar central na nomeação de doenças. No entanto, os enunciados anteriores delimitam outras possíveis reverberações acerca da constituição semântica do nome *Aids*. Nessa rede, há uma relação entre o desconhecimento da doença e de sua periculosidade com os grupos homossexuais, o que reatualiza os sentidos produzidos tanto para a doença quanto para esse grupo social. Como apontam Parker e Aggleton (2021), os estigmas em torno da *Aids* não surgiram “em vácuo”, mas precederam o período de descobrimento da doença e se reatualizaram nele. Em um cenário de mortes, resultado de alterações no organismo ainda desconhecidas, o comportamento sexual de grupos considerados desviantes pode suscitar em acontecimentos que influenciam os sentidos presentes em um nome.

Com a condensação do nome e a identificação da “doença misteriosa” nos anos seguintes, outras enunciações foram produzidas em textos noticiosos. A proliferação da síndrome aumentou ao redor do mundo, o que ocasionou novas ocorrências. Isso pode ser percebido na notícia que segue:

(4)

Figura 4 – AIDS/câncer gay

Fonte: O Estado de S. Paulo (09 de out. de 1983, p.18).

Nela, é possível observar que a nominalização *Aids* já foi condensada, aparecendo no título da notícia associada ao predicado “ataca mulher”. Contudo, o nome ainda está relacionado a homens que tem relações com outros homens, como podemos ver em “câncer gay” presente no corpo do texto. Esse enunciado pode nos oferecer um modo específico de observação do funcionamento do sentido:

(4a) Uma jovem de 33 anos, solteira, é a primeira vítima feminina, na Inglaterra, da enfermidade **Aids**, conhecida como “câncer gay”.

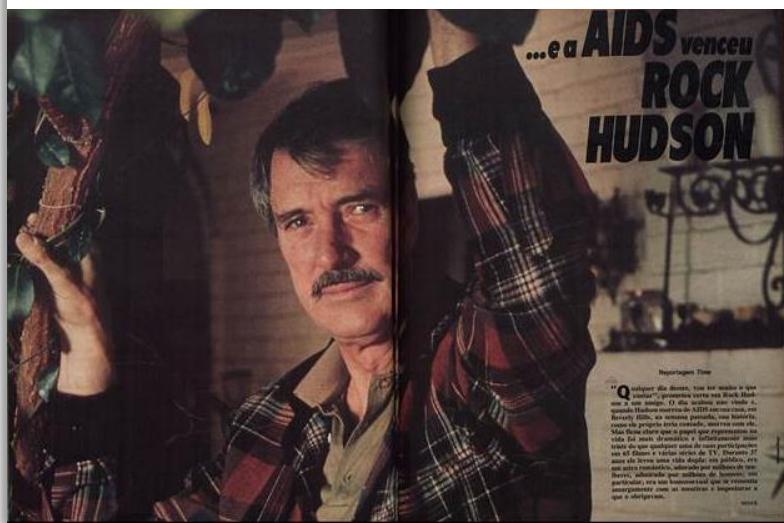
Faz-se interessante notar que tanto “Aids” como a formação “câncer gay” aparecem em aspas, uma no título do texto e outra no corpo da notícia. Esse recurso pode ser interpretado como um indício de que as duas FNs ainda circulavam em um espaço de relativa instabilidade semântica. No caso de “câncer gay”, as aspas marcam uma denominação amplamente difundida nas enunciações jornalísticas do período, que vinculavam a doença aos homens homossexuais. Já em “Aids”, as aspas parecem assinalar a introdução de uma nomeação ainda recente, cujo uso não se encontrava plenamente estabilizado. Assim, o enunciado produz um efeito de estranhamento ao associar “Aids” ao predicado “ataca mulher”, uma vez que o referencial histórico dominante da doença permanecia fortemente relacionado aos homens homossexuais. Assim, a presença das aspas não apenas evidencia a circulação concorrente de diferentes formas de nomear a enfermidade, mas também registra um momento de disputa e reconfiguração dos sentidos atribuídos à doença. Nessa disputa, a FN “câncer gay”, validada por sua estabilidade

enunciativa, oferece-se como uma forma linguística capaz de reescreitar (Guimarães, 2018) “Aids”, nome que começa a circular no cotidiano social.

Ainda em relação a esse período de transição do surgimento da doença para a sua proliferação, observemos os próximos enunciados presentes em algumas manchetes e passemos agora a analisá-los sob o viés da articulação predicativa, que se caracteriza pela relação entre uma formação nominal e um predicado:

(5)

Figura 5 - A Aids venceu Rock Hudson



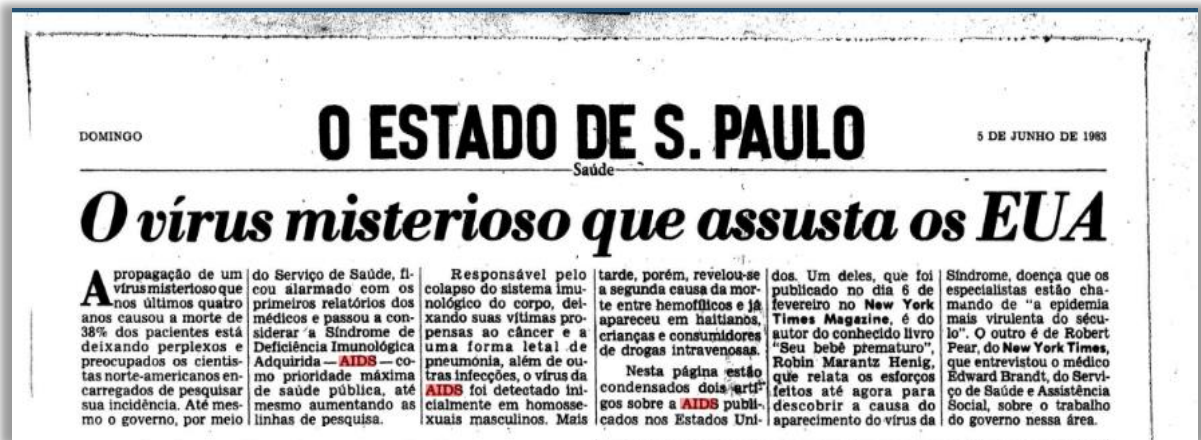
Fonte: Manchete (E1748, 1985, p. 4-5).

Do mesmo modo que a manchete anterior (Figura 4), a Figura 5 apresenta enunciados que possuem uma relação de predicação, diferente dos enunciados-título, por exemplo, que se constituem apenas de nomes (Guimarães, 2018). Os enunciados com relação predicativa dizem respeito a um vínculo de agência entre sujeito e predicado:

(5a) ...e a Aids venceu Rock Hudson

Os enunciados, a seguir, também apresentam essa característica.

(6)

Figura 6 – O vírus misterioso que assusta os EUA

Fonte: O Estado de S. Paulo (05 de jun. de 1983, p. 104)

Na ocorrência (6), ainda que o nome *Aids* não seja empregado na manchete, ele é referenciado pelo emprego de “vírus misterioso”, agente responsável pelo desenvolvimento da síndrome:

(6a) O vírus misterioso que assusta os EUA

O mesmo ocorre na manchete expressa em (7), na qual “os vírus” se referem a diferentes agentes infecciosos, incluindo o *HIV*.

(7)

Figura 7 - A Humanidade luta contra os vírus

Fonte: O Estado de S. Paulo (20 de set. de 1987, p. 80)

As formas linguísticas são ancoradas tanto pelos domínios de mobilização – referencial histórico e pertinência enunciativa – quanto pelas determinações da linearidade sintática (Dias, 2018). Uma rede de articulações predicativas permite observar como as FNs presentes no enunciado se assentam sob a enunciação de outros enunciados (Dias, 2023), em outras palavras,

demonstrar na linearidade sintática como nomes são reorganizados em uma atualidade, além da agência desses nomes.

A partir dos enunciados (4), (5a), (6a) e (7), é possível desenvolver a análise por meio de uma rede de articulações predicativas que evidencia os diferentes modos de agenciamento atribuídos à doença e aos seus referentes ao longo do período inicial da epidemia.

Rede Enunciativa 2 – As articulações predicativas e a constituição do nome Aids

Enunciados	Sentidos
(4) “ Aids ” ataca mulher	A doença é significada como força agressora que ultrapassa os grupos inicialmente associados à doença.
(5a) ... e a Aids venceu Rock Hudson	A doença é significada como agente vitorioso, capaz de derrotar um indivíduo.
(6a) O vírus misterioso que assusta os EUA	A doença é significada como ameaça desconhecida que produz medo coletivo.
(7) A Humanidade luta contra o vírus	A doença é significada como inimigo a ser combatido coletivamente.

Fonte: Elaborada pela autora.

Dessa forma, a rede de articulações predicativas mostra que, embora os referentes empregados variem entre *Aids*, *vírus misterioso* e *vírus*, todos eles se organizam em torno de um mesmo domínio de significação: o da doença como força, capaz de vencer, assustar e exigir combate. As predicções registram, assim, um momento histórico em que a epidemia passa de um fenômeno inicialmente associado a grupos específicos para um acontecimento concebido como ameaça coletiva de alcance global (mulher/homem/país/humanidade).

Os enunciados, em articulação predicativa com o nome *Aids*, levam a considerar um novo momento de mobilização do nome em textos noticiosos. Agora, a doença não está mais só associada a um grupo específico, mas passa a ampliar o seu alcance em enunciados que relacionam o nome com outros grupos sociais, reatualizando os sentidos anteriormente estabelecidos.

No período posterior ao observado, entre o fim dos anos 80 e durante os anos 90, ainda que a síndrome fosse associada a determinados grupos minorizados, houve uma presença significativa de notícias relacionadas ao combate e ao diagnóstico durante o período epidêmico. O enfoque dos textos noticiosos não está mais somente ligado à conceituação da síndrome ou mapeamento de casos, mas busca relatar os avanços de combate à doença. O jornal O Estado de S. Paulo publicou diversos textos cujo sentido caminha paralelamente ao que segue em (8):

(8)

Figura 8 - Teste de drogas anti-Aids divide cientistas

Fonte: O Estado de S. Paulo (11 de jun. de 1989, p. 28).

O exemplo (8) já se situa em um cenário no qual a comunidade científica começa a desenvolver formas de tratamento para lidar com a manifestação do vírus. Ainda que não houvesse cura para a doença, cientistas testaram o AZT⁴ (Azitodimicina), medicamento antirretroviral, que embora dividisse a opinião dos especialistas da saúde, parecia bloquear o desenvolvimento do vírus. Prontamente, o remédio passou a ser utilizado e desenvolvido em larga escala se tornando o primeiro medicamento antirretroviral de combate ao vírus *HIV*.

No exemplo (8), é possível perceber a agregação de uma forma à base do nome *Aids*: o “anti”. O processo de formação de palavras é conhecido na gramática tradicional como morfologia estrutural, mas, em uma Semântica de bases históricas, ele é chamado de articulação intranominal ao considerar também a enunciação como constituinte na mudança das formas das palavras (Dias, 2018). Essa articulação age quando um formante se agrega a uma palavra em um processo influenciado pela pertinência enunciativa e também pelo sistema linguístico pré-estabelecido (Dias, 2023). Nesse sentido, a novo momento de combate à doença flexibilizou o nome *Aids* agregando-lhe um formante que marca essa oposição.

Embora a articulação intranominal presente na FN *anti-Aids* seja um aspecto interessante no processo de formação do nome, estimulado pelo novo movimento de sentido ancorado em disputas sociais, as relações de convergência que envolvem a FN *Aids* também chamam atenção. De início, faz-se interessante observar as figuras (9), (10) e (11) que também dizem respeito as notificações do jornal durante o momento inicial de tratamento da doença:

(9)

Figura 9 – AZT reduz transmissão da Aids de mãe para filho

Fonte: Estado de S. Paulo (22 de fev. de 1994, p. a14).

⁴ Disponível em: <https://time.com/4705809/first-aids-drug-azt/>. Acesso em 05 jun. 2026.

(10)

Figura 10 – Teste de Aids é exigido para carreira militar

Fonte: Estado de S. Paulo (25 de abr. de 1995, pa14).

(11)

Figura 11 - Cresce procura pelos remédios gratuitos da *aids*

Fonte: Estado de S. Paulo (02 de dez. de 2000, p. a26).

Nos exemplos, como já pontuado, é possível observar que o enfoque das manchetes sai do conceito dos grupos atingidos e vai para o tratamento e controle da síndrome, o que reverbera em diversos enunciados sobre testagem e medicação. As matérias não priorizam mais definir a doença porque o nome já circulou e se estabeleceu no meio social, tanto no próprio campo da mídia, quanto na área da saúde, por exemplo.

Conforme mencionado, as figuras anteriores demonstram que a nominalização de *Aids* não esteve restrita apenas a formantes em sua base durante o período. Outras formas linguísticas se organizaram ao seu redor, por meio das chamadas articulações internominais. A articulação internominal é definida por Dias como relativa “as convergências de adjetivos, pronomes, numerais, artigos ou integradores preposicionados voltados para o nome na constituição de um grupo nominal” (Dias, 2023, p. 162).

É possível observar mais claramente essa organização por meio de uma rede, na qual *Aids* aparece como convergente em todos as FNs:

Rede Enunciativa 3 – As articulações internominais e a constituição do nome *Aids*

(8) Teste de droga anti- Aids divide cientistas	A doença é significada como qualificativo dos processos de tratamento, transmissão e testagem.
(9) AZT reduz transmissão da Aids de mãe para filho	
(10) Teste de Aids é exigido para carreira militar	
(11) Cresce procura pelos remédios gratuitos da Aids	

Fonte: Elaborado pela autora.

As redes com articulações internominais podem nos indicar a ampliação de domínio da FN (Dias, 2023) ao sistematizar outras formações nominais que confluem com *Aids*. No momento de combate e de controle epidêmico, o termo passa a se agregar ao campo do tratamento e controle da multiplicação do micro-organismo, sinalizando o avanço dos estudos na área.

(8a) teste de droga anti-**Aids**

(9a) transmissão da **Aids** de mãe para filho

(10a) teste de **Aids**

(11a) remédios gratuitos da **Aids**

Nos exemplos (8a), (9a), (10a) e (11a), é possível observar um “acionamento de convergentes adjetivais”, a saber: “uma estruturação qualificadora das formas da língua, que se põem a significar uma nova realidade” (Dalmaschio, 2026, p. 45). Dentre esses convergentes, está a forma linguística *Aids*. Assim, é interessante observar que *Aids* não ocupa o lugar de nome-núcleo nas FNs em análise, pelo contrário, passa a perspectivar os nomes-núcleos “teste”, “transmissão” e “remédios”.

Para entendermos a importância dessa alteração na constituição articulatória dessa FN (*Aids*), nos valem de uma análise de um processo paralelo a esse, abordado por Dalmaschio (2026). Ao discutir o nome “revolução” sob um viés semântico-enunciativo, a autora percebe que os novos vínculos de sentido agregados a esse nome ao longo do tempo revelam a participação de outras formas nominais que assumem o lugar de núcleo, oferecendo uma orientação perspectivadora para “revolução”. Do mesmo modo, isso também ocorre no que diz respeito às articulações internominais na constituição do nome *Aids*. Em um cenário no qual não há mais a necessidade de nomear a “doença misteriosa”, visto que seu nome já se condensou, circulou e se estabeleceu no meio social, o nome *Aids* passa ser elemento de

perspectivação, ou seja, cede seu lugar no centro da articulação temática (Dias, 2011 *apud* Dalmaschio, p. 45) e passa a ocupar o lugar de convergente de nomes ligados ao processo de tratamento da doença, que ocupam um lugar de núcleo.

Dito de outra forma, quando a doença ainda se apresentava como um fenômeno desconhecido, havia a necessidade de nomeá-la e de produzir sentidos sobre sua própria existência. Nessa conjuntura, *Aids* ocupava o centro da articulação temática das formações nominais que a designavam. Contudo, à medida que seu sentido se regulariza, sua circulação social se amplia e sua referência se estabiliza na memória coletiva, o nome passa a receber traços de atualidade provenientes de novos acontecimentos relacionados ao diagnóstico, ao tratamento, à prevenção e ao controle epidemiológico. Como consequência, *Aids* deixa de significar predominantemente como nome-núcleo e passa a integrar formações nominais mais complexas como elemento convergente.

É o que se verifica em “teste de droga anti-Aids”, “transmissão da Aids de mãe para filho”, “teste de Aids” e “remédios gratuitos da Aids”. Nesses casos, os nomes “teste”, “transmissão”, “droga” e “remédios” ocupam a posição nuclear das formações nominais, enquanto *Aids* atua como elemento de perspectivação desses referentes. Não se trata mais de fazer existir enunciativamente a doença ou de explicar o que ela é, mas de significar práticas, procedimentos e tecnologias que se constituem em torno dela. Assim, uma vez consolidada enquanto designação socialmente reconhecida, a FN *Aids* passa a participar da constituição de novos objetos de enunciação, ampliando seu domínio semântico-enunciativo e produzindo redes de sentidos cada vez mais complexas.

A análise buscou mapear enunciações sobre a *Aids* em um processo diacrônico de análise, além de criar sistematização de diferença entre essas enunciações. Foi possível perceber uma transformação dos sentidos do nome *Aids* ao longo do tempo, decorrente de novos acontecimentos enunciativos que resultaram de uma relação entre o memorável e a pertinência. Junto a isso, também foi possível perceber como o plano das formas significantes se relaciona com o plano do enunciável para agregar efeitos de sentido à FN na medida em que as alterações das formas se relacionam às novas demandas sobre a doença.

Importante destacar que todas as articulações podem estar, em menor ou maior grau, presentes nos enunciados selecionados acima e são capazes de mobilizar o nome pesquisado de diferentes maneiras, mas optou-se por utilizar aquelas que nas ocorrências selecionadas apresentassem modo de sistematização relacionados aos propósitos desse trabalho.

As enunciações que mobilizam o nome *Aids* inserem-se em um espaço de enunciação, cujos falantes têm seus dizeres divididos por uma deontologia de língua que determina o que

pode ou não ser dito (Guimarães, 2005). As cenas enunciativas, enquanto realizações particulares do espaço de enunciação, organizam essa relação de possibilidades do dizer e se ocupam do agenciamento político da enunciação (Guimarães, 2018). Com isso em vista, o próximo tópico busca investigar a politopia da cena enunciativa.

5.2 Os lugares sociais e de dizer na constituição de sentidos

Após mapear as enunciações sobre *Aids* e analisar as alterações de sentido ao longo do tempo, esta seção busca investigar a relação entre as figuras enunciativas na cena enunciativa, isto é, analisar a politopia que se insere na cena no que diz respeito às enunciações sobre *Aids*.

Conforme abordado em Guimarães (2005; 2018), a cena enunciativa é um lugar particularizado do espaço de enunciação, no qual ocorre a distribuição dos lugares de enunciação pelo agenciamento político do falante. Fala-se de lugares diferentes. Nesse sentido, “na cena enunciativa ‘aquele que fala’ e ‘aquele para quem se fala’ não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas do seu dizer” (Guimarães, 2005, p. 23). Dito de outro modo, o funcionamento de uma língua incumbe seus falantes a enunciarem a partir de determinados lugares sociais no acontecimento, que são constituídos pelo próprio funcionamento político do espaço de enunciação. Esses espaços dividem as línguas por meio de uma deontologia que distribui desigualmente os falantes e os identifica com essa distribuição (Guimarães, 2005). Há, nesse sentido, uma ordem linguística institucionalizada que induz os falantes a dizerem de determinadas posições no espaço cênico, mesmo que estes acreditem que enunciem de maneira autônoma.

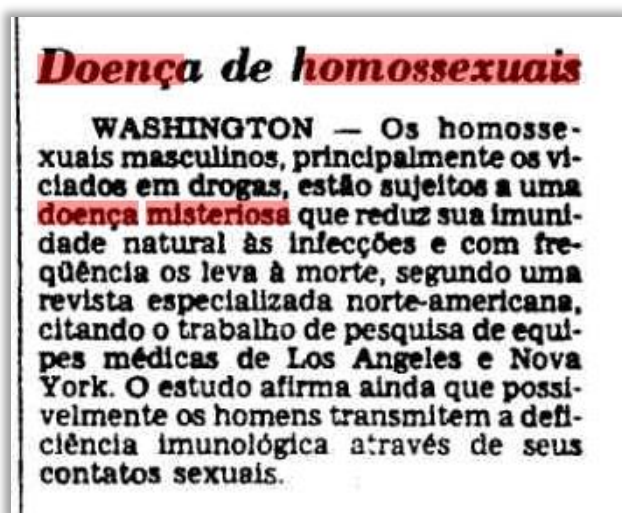
A configuração da cena pode esclarecer como os lugares sociais são distribuídos. Conforme já citado (ver 2.1.1.2 A cena enunciativa), para Guimarães (2018), o falante é um ser de linguagem presente no espaço de enunciação que, ao enunciar, é tomado pelas sistematicidades linguísticas e se divide em locutor e alocutor-x. O locutor, primeira figura enunciativa, é definido como aquele que diz e que diz para alguém ao ser agenciado, instaurando a figura do locutário, seu correlatado. Embora o locutor seja aquele que diz, ele não é a origem do seu dizer porque há “uma disparidade entre o presente do locutor e a temporalidade do acontecimento” (Guimarães, 2005, p. 24). Há um lugar socialmente e historicamente estabelecido que compele aquele que diz e sustenta a fonte do seu dizer. Desse modo, a figura do alocutor aparece como lugar social de dizer (Guimarães, 2005; 2018).

Guimarães (2018) aponta que a politopia da cena também é constituída pela divisão de outros lugares de enunciação definidos como lugares de dizer: os enunciadores. Os enunciadores podem ser compreendidos como os modos nos quais o que se diz é apresentado, sendo divididos em enunciador-individual, enunciador-genérico, enunciador-coletivo e enunciador-universal. A partir das análises, os enunciadores serão abordados mais profundamente, visto que já foram apresentados em outra seção.

Tomemos inicialmente o exposto anterior para analisarmos os enunciados que seguem. A começar pelo período de surgimento da doença, retomemos a Figura 1 presente na primeira análise, referente a um texto noticioso publicado pelo Estadão ao tratar da síndrome nos Estados Unidos:

(1)

Figura 1 – Doença de homossexuais



Fonte: O Estado de S. Paulo (11 de dez., 1981, p. 9).

Em um primeiro plano, há a presença de um falante constituído no espaço de enunciação de língua portuguesa que é tomado a dizer essa língua. Ao escrever, o falante é agenciado por essa língua e entra em sua sistematicidade produzindo, por exemplo, os enunciados:

(1) Doença de homossexuais

(1a) Os homossexuais masculinos, principalmente os viciados em drogas, estão sujeitos a uma doença misteriosa que reduz sua imunidade natural às infecções e com frequência os leva a morte, segundo uma revista especializada norte-americana, citando o trabalho de equipes médicas de Los Angeles e Nova York.

No acontecimento enunciativo, o falante é agenciado a dizer e se transforma em locutor (Guimarães, 2015; 2018). Enquanto locutor, o falante sempre diz algo para alguém, seu Locutário, criando uma alocação no qual ambos são agenciados pelas circunstâncias próprias do acontecimento (Guimarães, 2018).

Por outro lado, o Locutário sempre diz de um lugar social que lhe é específico, instituindo a figura do alocutor-x (Guimarães, 2018). Na cena analisada, trata-se de um alocutor-jornalista, isto é, na alocação específica desse acontecimento enunciativo, os dizeres expostos em (1) e (1a) são perpassados pelo lugar social de jornalista ocupado por aquele que fala. Cabe ao alocutor-jornalista, investigar e descrever os acontecimentos de interesse público, relatando-os para os leitores do Estadão, o que implica o alocutário-leitor e o alocutário-consumidor.

Faz-se relevante destacar que a figura do alocutor-jornalista busca a objetividade ao expor os acontecimentos para o seu alocutário-leitor, mesmo que essa objetividade não seja absoluta. Para isso, o alocutor-jornalista apura os acontecimentos se ancorando em fontes que considera confiáveis e oficiais. No exposto em (1a), o alocutor ancora seus dizeres nos dizeres expostos pela área da saúde, parafraseando uma revista especializada que aborda o trabalho de pesquisa de equipes médicas norte-americanas na tentativa de identificar a doença ainda desconhecida. Embora não haja uma referência direta aos enunciados da revista, a ancoragem no referencial da área médica permite ao alocutor-jornalista sustentar seus dizeres acerca dos grupos homossexuais como grupo característico da síndrome.

Para exemplificarmos o que dissemos anteriormente, vejamos exemplos que validam a filiação do alocutor-jornalista à área da saúde.

(12)

Figura 12 - Trecho de uma enunciação médica

Fonte: Manchete (E1551, 1982, p. 26).

A figura (12) foi recortada do texto exposto anteriormente, publicado pela revista Manchete (ver Figura 2 – A misteriosa doença dos homossexuais) e se situa, assim como na figura (1), em um momento de desconhecimento acerca do vírus. Nela, é possível destacar:

(12a) Também [os médicos] aconselham os homossexuais a limitarem os seus contatos sexuais. ‘Comportamento promíscuo é uma expressão ultrapassada que ninguém gosta de usar’, observa o clínico Daniel William, de Nova Iorque, que trata de muitos homossexuais, ‘mas aumenta o risco’.

Assim como em (1a), o alocutor-jornalista aborda as informações acerca da doença ancorando seus dizeres na área de saúde. O enunciado (12a) cita de forma direta os dizeres de outro locutor que podem ser reescritos da seguinte forma:

(12b) ‘Comportamento promíscuo é uma expressão ultrapassada que ninguém gosta de usar, mas aumenta o risco’, observa o clínico Daniel Williams, de Nova York, que trata muitos homossexuais.

Neles, o alocutor-jornalista menciona outro enunciado, destacado em (12b), que trata de outro locutor. Esse locutor ocupa o lugar social de alocutor-médico, uma figura que significa a enunciação a partir da área da saúde. O alocutor-jornalista busca a suposta objetividade das informações para tratar dos acontecimentos para seus possíveis alocutários-leitores e, para isso, se ancora nos dizeres de um especialista. Os dizeres do alocutor-médico associam um comportamento considerado danoso aos homens gays, associando as suas ações à promiscuidade e, conseqüentemente, responsabilizando essa comunidade pela disseminação da doença.

O modo pelo qual o alocutor-médico apresenta o que diz enquanto enunciador também pode sustentar pontos interessantes no que diz respeito a abordagem sobre *Aids*. Ao enunciar sobre o comportamento dos grupos homossexuais, as paráfrases das seguinte sequências podem ajudar a perceber essa tensão entre os lugares de enunciação:

(12c) [todos sabem que] comportamento promíscuo é uma expressão ultrapassada que ninguém gosta de usar

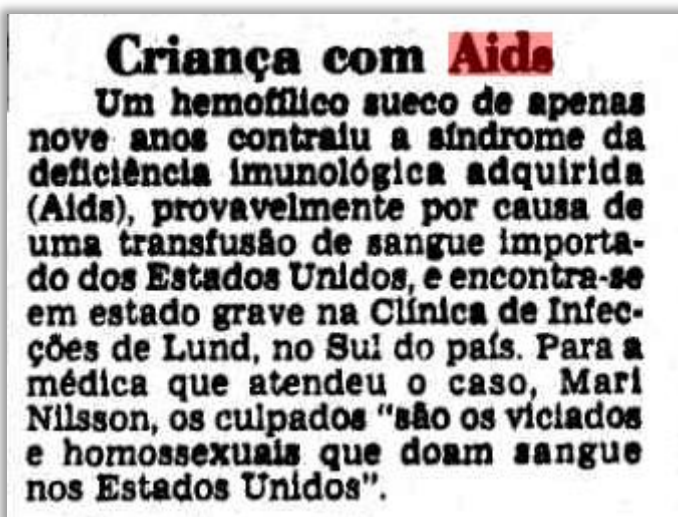
(12d) mas [nós afirmamos que isso] aumenta o risco.

Em (12c) o alocutor-médico mobiliza um enunciador-universal, pelo qual o lugar de dizer se mostra como verdade para todos, para afirmar que é de senso-comum que a FN “comportamento promíscuo” seja inadequada. No entanto, o alocutor-médico contrapõe essa inadequação em (12d) ao construir o enunciado de modo a ancorar-se no lugar de dizer da coletividade por meio do enunciador-coletivo, cuja voz corresponde a de um grupo, o dos profissionais da saúde. A tensão se sustenta na dinâmica dos enunciadores que se opõem. Embora o enunciador-universal submeta o enunciado a um regime de verdade, segundo o qual não se deve usar “comportamento promíscuo” na área médica, o alocutor-médico utiliza a voz de uma categoria, enunciador-coletivo, para sustentar a associação entre um comportamento moralizante e um grupos de indivíduos. O lugar social que o falante ocupa enquanto alocutor-médico valida a enunciação de uma coletividade, estabelecendo um enunciado que aparece como ‘factual’.

Outro exemplo também aborda a ancoragem do alocutor-jornalista em um alocutor-médico para sustentar os sentidos moralizantes atribuídos à *Aids* e a grupos com comportamento sexual considerados não hegemônicos ou desviantes:

(13)

Figura 13 – Criança com Aids



Fonte: O Estado de S. Paulo (16 de fev. de 1985, p. 13).

No exemplo (13), o texto aborda um momento de aumento da disseminação do vírus globalmente, no qual os primeiros casos de *Aids* em crianças começam a ser notados. É possível perceber mais claramente como a periculosidade da doença esteve, durante muito tempo, atrelada a relações afetivas entre homens. Tomemos a sequência:

(13a) Para a médica que atendeu o caso, Mari Nilsson, os culpados 'são os viciados e homossexuais que doam sangue nos Estados Unidos'.

Em (13a), o alocutor-jornalista atrela a hipótese de contágio da criança a transfusões de sangue feitas pelos Estados Unidos para outros países. Para sustentar seu argumento, o alocutor-jornalista lança mão de um enunciado proferido por uma alocutora-médica. Esta, por sua vez, culpabiliza diretamente indivíduos homoafetivos e pessoas com dependências químicas pela contaminação da criança.

A politopia que se estabelece nas cenas analisadas pode revelar como a distribuição de lugares sociais e de dizer atribui e sustenta diferentes sentidos acerca de *Aids*. Os falantes, agenciados por uma determinada língua, são instituídos a dizer dos lugares nos quais a

deontologia dessa língua os dividiu (Guimarães, 2005). Não se trata, nesse sentido, de sujeitos de vontade, psicofisiológicos, mas de indivíduos determinados pelas línguas que falam.

Nos exemplos analisados, foi possível perceber como os enunciados produzidos por jornalistas têm seus sentidos sustentados pela área da saúde. Os alocutores-médicos analisados, mesmo que utilizem do rigor científico para tratar de doenças e promover o bem-estar físico, também reatualizaram preconceitos no que diz respeito ao estigma sexual que grupos homoafetivos sofrem, como apontam Parker e Aggleton (2021). Para tal, materializaram seus enunciados de modo a construir seus dizeres enquanto enunciadores que falam a partir de uma coletividade atrelada à área da saúde.

Contudo, outros enunciados produzidos também tensionaram os sentidos estabelecidos sobre *Aids*. No fragmento (14) que segue, a alocução é realizada por outro alocutor-médico, o doutor Dráuzio Varella:

(14)

Figura 14 - Aids: causas e prevenção



Fonte: O Estado de S. Paulo (26 de jun. de 1983, p. 156).

Nessa publicação, há um apontamento de que, após três anos de surgimento da síndrome, o vírus *HIV* ainda não tinha sido identificado. O médico, nesse sentido, esclarece as principais causas de contaminação e os modos de prevenção conhecidos até o momento. Diferentemente dos alocutores-médicos anteriores, o alocutor de (14) não culpabiliza determinado grupo pelo agravamento do contágio:

(14a) [todos sabem que] Muitos chamam indevidamente de “praga gay”.

(14b) [mas nós dizemos que] A denominação é preconceituosa, pois não é exclusiva dos homossexuais.

Há um tensionamento entre os sentidos que se estabeleceram por outros alocutores no que diz respeito a doença e esse alocutor-médico em (14). Enquanto alguns textos noticiosos buscam sustentar a figura dos homossexuais como responsáveis pela disseminação da síndrome, o alocutor-médico da cena analisada contesta os sentidos já estabelecidos em torno da nomeação da doença. Essa contestação também se sustenta em um enunciador que fala do lugar da coletividade e aparece em consonância com a figura do alocutor-médico.

A principal diferença entre as duas cenas enunciativas reside no fato de que, nos exemplos (1), (12) e (13), o alocutor-jornalista mobiliza a voz do alocutor-médico como estratégia de validação de seu próprio dizer. Embora seja o jornalista quem organiza a locução, a autoridade científica é convocada para conferir ‘objetividade’ e ‘legitimidade’ às afirmações apresentadas. O alocutor-médico, nesse caso, comparece como uma voz incorporada ao discurso jornalístico, funcionando como fundamento para os sentidos produzidos pelo jornalista. Já no exemplo (14), a cena enunciativa se constitui de modo distinto. Ainda que o texto tenha sido publicado em um jornal, quem ocupa o lugar de locutor e organiza a locução é o próprio médico. Não se trata, portanto, de uma voz médica apropriada pelo discurso jornalístico, mas de uma locução médica em que o alocutor fala diretamente do lugar social que ocupa. Essa diferença é decisiva para a análise, pois evidencia que os sentidos não decorrem simplesmente da circulação em um suporte jornalístico, mas do lugar social de onde se enuncia. Enquanto, nos primeiros casos, a medicina é convocada para sustentar e legitimar o dizer jornalístico, em (14) é a própria área da saúde que assume a responsabilidade enunciativa pelo dizer, produzindo um tensionamento interno em relação aos sentidos anteriormente estabilizados sobre a *Aids*.

Com a disseminação global do vírus e o desenvolvimento da doença no mundo, inclusive no Brasil, o tema *Aids* passou a fomentar inúmeros debates entre diferentes grupos

sociais, ultrapassando a área da saúde. Diversos jornais e revistas passaram a publicar textos nos quais diferentes grupos sociais abordavam o tema. O exemplo que segue (15) demonstra de modo interessante como os sentidos da síndrome são construídos de modos diferentes a partir dos lugares sociais de quem diz, demonstrando como cada alocutor-x constrói o real pelo agenciamento das condições histórico-sociais dos falantes, que foram distribuídos desigualmente no espaço de enunciação (Guimarães, 2018).

(15)

Figura 15 - Preconceito atrapalha na luta contra a doença

Preconceito atrapalha na luta contra doença

Talvez seja por atitudes como a do bissexual Xuxa que comecem a surgir propostas radicais em todo o País. Em Minas, já se falou em castração dos infectados, enquanto em São Paulo um delegado de polícia entende que a campanha de prevenção da doença deva passar pela prisão de travestis, homossexuais e prostitutas. Não é tudo, pois já houve também quem propusesse a criação de campos de concentração para isolar os pacientes. "Como é uma epidemia, é preciso dialogar com o transmissor, na tentativa de conscientizá-lo de que sua vida sexual não deve nem pode ter um efeito spray, do tipo 'eu estou morrendo de Aids, mas antes da hora final vou ainda levar muita gente comigo'" — defende o infectologista Vicente Amato Neto, um dos mais reverenciados especialistas do setor.

A idéia de que a Aids é uma peste gay está contribuindo para aumentar o preconceito da população em relação aos homossexuais, e isso só dificulta a prevenção e o tratamento da doença — alerta o psiquiatra Paulo Silva, presidente da Rosa, entidade criada no Rio de Janeiro há dois anos para combater a discriminação das minorias, principalmente os homossexuais.

"Não pode haver uma doença que ataque apenas pessoas de determinada orientação sexual, pois o corpo humano tem funcionamento igual para todos" — argumenta o psiquiatra. Ele, no entanto, reconhece: as estatísticas apontam esse grupo como as maiores vítimas do mal, mas isso, segundo ele, tem explicação. "Os homossexuais têm relações com desconhecidos em locais de risco, porque são condenados por uma sociedade que combate laços mais estáveis e duradouros entre dois homens. Aqui a hipocrisia é tão grande que só o promíscuo ou o travesti são aceitos. Tem gente que até paga ingresso para ver. Agora dizer-se homossexual é uma coisa maldita" — lamenta Paulo Silva.

"A Aids é uma vingança da natureza" — proclama d. Serafim Fernandes de Araújo, arcebispo de Belo Horizonte, que foi candidato à presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB. "Todas as vezes em que se agride a natureza ela não perdoo e agride também. A natureza foi feita para o homem e a mulher, para se completarem em todos os aspectos, razão pela qual a Igreja não admite em nenhuma hipótese o homossexualismo, que é um desvio da natureza."

E o arcebispo justifica seu raciocínio com um exemplo. "Por que a chuva faz um desastre tremendo na cidade, ao passo que, na roça, não faz?" Ele mesmo responde: é que a natureza foi agredida na cidade, onde cortaram as árvores, removeram a terra, alteraram a ordem natural. "Essa praga é para quem merece" — desabafa a prostituta S., que frequenta o centro de São Paulo. "Os homossexuais fazem coisas que Deus não permite. E o que é pior, tiram o nosso mercado, que praticamente acabou."

"Temos de enfrentar a doença no campo social. Fora disso vamos perder a luta" — garante o cientista Sérgio Arouca, presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), e secretário de Saúde do Rio de Janeiro. "Todas as doenças são sociais, mas algumas delas são mais sociais do que as outras. A Aids é uma delas, com o agravante de recuperar o estigma da lepra e de estar associada à sífilis, por ser sexualmente transmissível." Para ele, até Robson Crusoe, se ficasse doente e isolado na ilha em que vivia após o naufrágio, mesmo antes de conhecer o nativo Sexta-Feira, estaria com uma doença social.



Vicente Amato Neto

Fonte: O Estado de S. Paulo (11 de mai. de 1987, p. 26).

Em um primeiro momento, o alocutor-jornalista é o mobilizador dos dizeres em (15), considerando sua posição de locutor, aquele quem diz. É sua figura quem organiza as vozes para sustentar seus argumentos. Nesse sentido, como o próprio título apresenta, o alocutor-jornalista busca informar o alocutário-leitor como o preconceito pode atrapalhar no combate a *Aids* a partir da perspectiva de sujeitos díspares. Os sentidos que se estabelecem no texto são distintos dos sentidos anteriores, o que suscita o questionamento: quais condições enunciativas possibilitam novas abordagens acerca da doença? Tomemos algumas sequências destacadas:

(15a) “Não pode haver uma doença que ataca apenas pessoas de uma determinada orientação sexual, pois o corpo tem funcionamento igual para todos” – argumenta o psiquiatra.

(15b) “A *Aids* é uma vingança da natureza” – proclama D. Serafim Fernandes de Araújo, arcebispo de Belo Horizonte.

(15c) “Essa praga é para quem merece” – desabafa a prostituta S.

(15d) “Temos de enfrentar a doença no campo social. Fora disso vamos perder a luta” – garante o cientista Sérgio Auroca.

Há uma tensão entre as vozes que aparecem no texto que reverbera no político como constitutivo do espaço de enunciação e, conseqüentemente, do espaço cênico estabelecido em (15). Guimarães (2005) defende que o político pode ser entendido como uma oposição entre a afirmação de igualdade atrelada à normatividade, isto é, ao poder hegemônico institucionalizado e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos, os grupos contra-hegemônicos. Sob essa ótica, político é essencialmente disputa: “algo próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem” (Guimarães, 2005, p. 15).

Essa tensão é própria da constituição desses lugares que faz com que aqueles que digam se identifiquem com as posições nas quais foram instituídos a dizer (Guimarães, 2005). Aqueles que enunciam sobre *Aids* só são capazes de enunciar e de estabelecer sentidos porque se identificam com a posição que lhes foi dada na hierarquia da divisão do real. Hierarquia essa que sempre é constituída pelas dinâmicas estabelecidas socio-historicamente. Os enunciados destacados em (15b) e (15c), por exemplo, se ancoram nas posições estabelecidas pelo lugar da religiosidade. O exemplo (15b), enunciado por um alocutor-religioso, e também alocutor-líder,

se ancora em uma ordem moral transcrita na natureza humana pelo divino. Essa ordem delimita os papéis de gênero e as expressões sexuais como binárias, baseadas na criação de Adão e Eva.

Do mesmo modo, a locutora (15c), ainda que seja identificada como trabalhadora sexual, também parece enunciar enquanto alocutora-religiosa. Entretanto, em nossa análise, diferentemente do alocutor-religioso representado em (15b), cuja autoridade decorre da posição institucional que ocupa na Igreja, a locutora de (15c) não enuncia exclusivamente a partir de um lugar religioso. Embora mobilize um referencial histórico cristão ao associar a *Aids* ao merecimento e à punição, seu dizer é afetado também pelo lugar social que ocupa enquanto prostituta, historicamente situado entre os grupos estigmatizados pela epidemia. Assim, seu enunciado evidencia o funcionamento político da linguagem, na medida em que faz circular, a partir de uma posição de exclusão, um discurso moral produzido pelos próprios setores hegemônicos que a marginalizam. O verbo ‘desabafa’, empregado pelo alocutor-jornalista, reforça esse sentido ao construir sua fala como expressão de uma experiência vivida, e não como uma verdade institucional, em contraste com a enunciação do arcebispo. O que estamos propondo, portanto, é que o alocutor-religioso fala a partir de uma enunciação coletiva:

(15b´) [Nós, a Igreja, entendemos que] a *Aids* é uma vingança da natureza – proclama D. Serafim Fernandes de Araújo, arcebispo de Belo Horizonte.

Já a alocutora-prostituta, se manifesta em uma enunciação individual:

(15c´) [Eu entendo que] essa praga é para quem merece – desabafa a prostituta S.

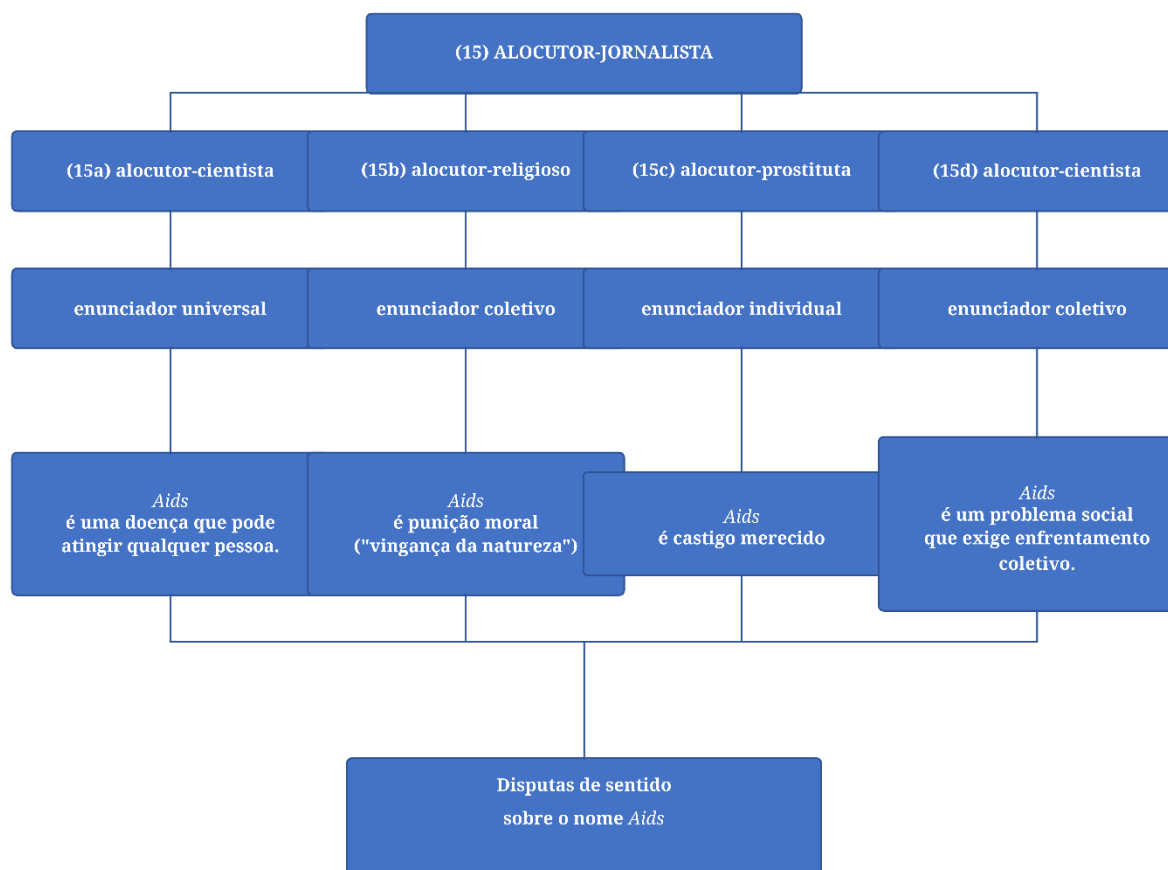
Assim, o enunciado da trabalhadora sexual pode ser lido como a reafirmação da própria enunciação que a condena. Ela não fala de fora da exclusão; fala a partir dela. O interessante é que ela reproduz a lógica moral que também a atinge. Há aí uma tensão constitutiva do político: a voz do grupo excluído reproduz a voz da hegemonia.

No entanto, assim como em (14), é possível perceber novas abordagens de sentido no que se refere a síndrome pela área da saúde. Diferente de (15b) e (15c), os enunciados (15a) e (15d) foram produzidas por alocutores-cientistas, isto é, pessoas que ocupam a posição de investigar como determinadas doenças se manifestam. Os enunciados desses alocutores se inserem em um período no qual se iniciou o desenvolvimento de pesquisas, exames e testes acerca do vírus e da doença. A síndrome já não é mais desconhecida pelos especialistas. Desse

modo, esses alocutores contestam sentidos estigmatizantes estabelecidos anteriormente sobre *Aids*.

O fragmento presente em (15a) rompe com o vínculo que associava diretamente a doença a um grupo específico, como se este fosse seu portador natural, esclarecendo que se trata de uma enfermidade que atinge qualquer tipo de organismo. Já (15d) defende que combater a doença não está relacionado a culpabilizar ou denominar certo tipo de comportamento, mas reconhecer que se trata de uma questão que deve ser combatida no campo social. Os sentidos estabelecidos se tornam mais conflitantes.

Rede Enunciativa 4 – A politopia em torno dos sentidos de *Aids*



Fonte: Elaborada pela autora com auxílio de Inteligência Artificial (Piktochart).

As cenas analisadas permitem observar que os sentidos produzidos sobre a *Aids* não decorrem da doença em si, mas das posições enunciativas a partir das quais ela é significada. A politopia da cena demonstra que o espaço de enunciação é atravessado por disputas em que diferentes alocutores (médico, religioso, cientista, prostituta e jornalista) mobilizam distintos lugares sociais para significar a epidemia. Desse modo, os sentidos deixam de se organizar em torno de uma única verdade sobre a doença e passam a revelar a divisão constitutiva do espaço político da linguagem. A *Aids* é significada, simultaneamente, como punição moral, questão biológica, problema social e experiência de exclusão, conforme o lugar de dizer ocupado por quem enuncia.

Assim, os diferentes alocutores não apenas expressam perspectivas distintas sobre a epidemia, mas participam da própria constituição histórica dos sentidos da *Aids*, evidenciando que os lugares sociais de dizer são determinantes para a produção, a estabilização e o deslocamento desses sentidos.

Essa seção buscou analisar a politopia que se insere na cena, em outras palavras, a divisão do falante em diferentes lugares sociais e de dizer que ocorre no acontecimento enunciativo. Os sujeitos que enunciam, ao serem agenciados por uma língua, só o fazem do lugar social no qual estão inseridos, rompendo com a ideia de intencionalidade na constituição dos sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou analisar os sentidos produzidos por enunciações que mobilizem o nome *Aids*, a partir de um viés semântico-enunciativo, tendo como principais objetos de análise os materiais coletados na revista Manchete e no jornal O Estado de S. Paulo. Para tal, pretendeu-se mapear enunciações sobre a imunodeficiência ao longo do tempo, analisar em que medida as alterações de sentido observadas constituíram novas abordagens sobre *Aids*, além de investigar a relação politópica que se instaura na cena enunciativa.

Em um primeiro momento, ao mapear as enunciações, considerou-se a noção de nominalidade a partir dos pressupostos da Semântica de Enunciação de bases históricas, nos quais o nome é compreendido em um plano de enunciação e, por isso, se apresenta de modo mais dinâmico do que em perspectivas gramaticais clássicas. Em uma perspectiva enunciativa, as unidades nominais são compreendidas por meio das articulações nominais que resultam de estabilizações de ocorrências dos dizeres. As enunciações são capazes de alterar as formações nominais.

Tendo isso em vista, a análise sugere que diversos enunciados reverberaram a significação e condensação semântica da formação nominal *Aids*. Embora sua sigla não tenha referência a qualquer tipo de comportamento sexual, há uma relação entre o desconhecimento inicial da doença e de sua periculosidade com os grupos homossexuais, o que reatualizou os sentidos produzidos tanto para a doença quanto para esse grupo social. A história de constituição desse nome sugere que os pessoas que mantinham relações homoafetivas passaram a figurar como origem e símbolo da ameaça.

Com a identificação do vírus e o aumento de sua disseminação, outras enunciações em torno da doença foram realizados, sendo possível perceber um deslocamento de sentidos nos enunciados realizados em textos noticiosos. As redes predicativas presentes em diversas manchetes indicam *Aids* como força de ameaça coletiva, não mais restrita a um grupo, revelando como a FN se mobilizou em novas abordagens.

Outras mobilizações do nome também ocorreram nos anos seguintes nos quais houve uma significativa presença de matérias relacionadas ao combate e ao diagnóstico durante o período epidêmico. Identificar e mapear a doença, embora ainda necessário, não foi mais o único enfoque. Houve uma estabilização da FN *Aids*, resultado de diversas ocorrências de dizeres durante o surgimento da doença até os períodos de controle epidêmico mais recentes, que permitiu uma flexibilização na qual formantes passaram a convergir com o termo analisado. Nesse momento, a FN *Aids* se desloca do lugar de nome-núcleo dos enunciados e passa a ocupar

a posição de convergente, isto é, se liga a outras nomes-núcleos relacionados ao processo de tratamento.

Quanto à segunda parte da análise, investigar a relação entre as figuras enunciativas na cena enunciativa, foram selecionados enunciados que demonstrassem como os lugares sociais no acontecimento e os sentidos dos seus dizeres são instituídos pela própria dinâmica de funcionamento da língua, demonstrando a relação politópica que é própria da cena. A politopia permite compreender a dinâmica e tensão entre as diferentes vozes que constituem os acontecimentos de dizer. Dentre as figuras percebidas nas cenas analisadas, foi possível depreender como a figura do alocutor-jornalista se ancora na área da saúde para sustentar os efeitos de sentido em torno da síndrome. Do mesmo modo, também foi possível perceber como os locutores cientistas reforçaram ou contestaram estigmas sobre a imunodeficiência por meio do modo no qual apresentavam seus enunciadores e do lugar que ocupavam na locução. Outros grupos também mobilizaram sentidos para além do referencial histórico ancorado no campo científico, como o referencial religioso, por exemplo.

Os dizeres estabelecidos por falantes distintos que, na politopia que se instaura na cena, ocupam diferentes lugares enunciativos demonstram como a constituição dos sentidos é resultado da própria dinâmica de funcionamento das línguas, que são inerentemente políticas, além de cindir com a ideia de intencionalidade daqueles que dizem.

O político na linguagem, presente no espaço de enunciação e conseqüentemente no acontecimento organizado em cenas enunciativas, expressa a divisão de uma língua que atende as disputas pela palavra de grupos que ocupam lugares historicamente distintos, como aqueles que falam do lugar da normatividade, por exemplo. O funcionamento do político na língua reflete como os sentidos sobre *Aids* deixam de se organizar a partir de uma única verdade sobre a doença, sendo resultantes de dinâmicas hierárquicas de poder.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A.; TAVARES, A. C. **Dos anos 50 aos 2000, revista ‘Manchete’ imprimiu sua marca no fotojornalismo**. Rio de Janeiro, 13 abr. 2017. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dos-anos-50-aos-2000-revista-manchete-imprimiu-sua-marca-ao-jornalismo-21204604>. Acesso em 29 abr. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **HIV/Aids**. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-HIV>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- DALMASCHIO, L. **Produzindo um olhar sobre a vagueza**: as formas da língua e as fronteiras do sentido. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026.
- DIAS, L. F. **Enunciação e Relações Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- DIAS, L. F. Redes enunciativas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 26, n. 51, p. 155-172, jan./jul., 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8673668>. Acesso em: 13 de mai. 2026.
- ESTADÃO. **Acervo Estadão**. São Paulo, 2026. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/>. Acesso em: 20 jun. 2026.
- ESTADÃO. Conheça a história da fundação do Estadão. **Acervo Estadão**, 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/conheca-a-historia-da-fundacao-do-estadao/>. Acesso em 10 mai. 2026.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo de designação. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- GUIMARÃES, E. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- GUIMARÃES, E. Sobre teoria e método. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 26, n. 51, p. 166-134, jan./jul., 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671816>. Acesso em: 13 mai. 2026.
- MANCHETE (RJ) - 1952 a 2007. **Hemeroteca Digital Brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2026. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=1>. Acesso em: 20 jun. 2026.
- MANCHETE. Revista Manchete, 2024. Disponível em: <https://revistamanchete.com.br/historia-revista-manchete/>. Acesso em: 29 abr. 2026.
- NOTÍCIAS POPULARES. Peste-gay já apavora São Paulo. São Paulo, 12 jun. 1983. 1 reprodução de página impressa. In: INSTITUTO OSWALDO CRUZ. **A epidemia da Aids através do tempo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>. Acesso em: 20 jun. 2026.

PARK, Alice. **The Story Behind the First AIDS Drug**. Time, 2017. Disponível em: <https://time.com/4705809/first-aids-drug-azt/>. Acesso em: 22 jun. 2026.

PARKER, R.; AGGLETON, P. Estigma, discriminação e AIDS. 2. Ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, 2021. **E-book (PDF)**. Disponível em: <https://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2021/05/livro-digital-final-ESTIGMA-DISCRIMINA%C3%87%C3%83O-E-AIDS-pagina-espelhada-10052020.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2026.